MORDE
A LÍNGUA

MORDE A LÍNGUA

1ª EDIÇÃO

MULTIRIO

RIO DE JANEIRO

2016

Eduardo Paes
Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro

Helena Bomeny
Secretária Municipal de Educação – SME

Cleide Ramos
Presidente da Empresa Municipal de Multimeios – MultiRio

Lucia Maria Carvalho de Sá
Chefe de Gabinete

Marinete D'Angelo
Diretora de Mídia e Educação

Rosângela F. D. S. Silva
Diretora de Administração e Finanças

M834

Morde a língua (Livro eletrônico) / MultiRio. - Rio de Janeiro : MultiRio, 2016.
136 p. : il.

E-book
ISBN: 978-85-60354-37-5

1. Língua Portuguesa. 2. Linguagem. I. Empresa Municipal de Multimeios Ltda (Rio de Janeiro, RJ).

CDD – 469

Sumário

A linguagem, o maior recurso do ser humano
os usos sociais da linguagem 05

Ampliando o conhecimento
intertextualidade 20

Estratégias para ler um texto
os gêneros e as finalidades dos textos 33

Encantos da palavra
poesia 44

A arte de narrar
conto 58

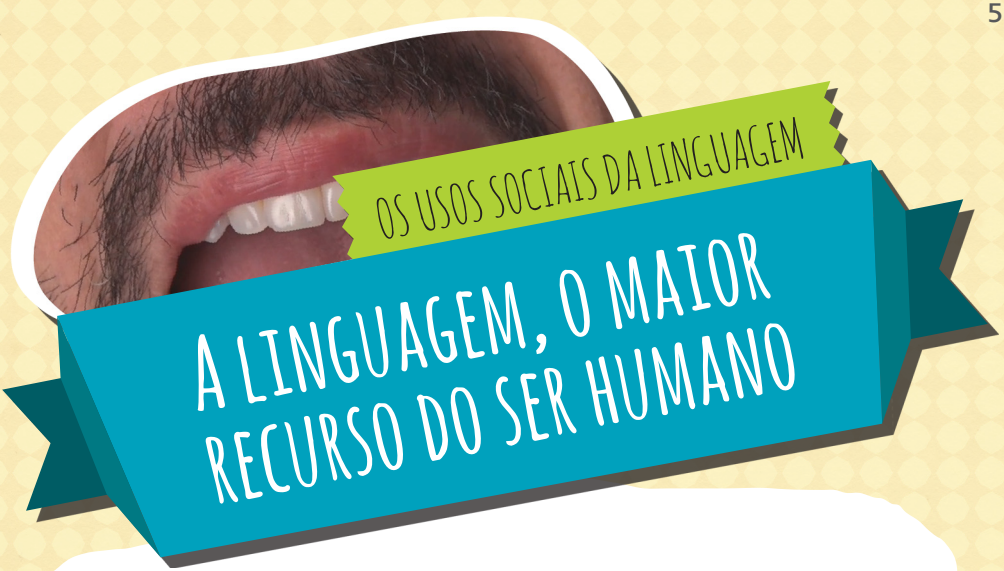
Observando a vida
crônica 72

Um produto da imaginação
romance 85

Uma brincadeira muito séria
quadrinhos 98

Uma forma de cidadania
argumentação 109

Antigas e novas formas de comunicação
gêneros discursivos em jornais e revistas 120



OS USOS SOCIAIS DA LINGUAGEM

A LINGUAGEM, O MAIOR RECURSO DO SER HUMANO

Aposto que você já se comunicou com alguém hoje. E, mesmo se ainda não tiver falado com ninguém, seja pessoalmente, pelo celular ou pela internet, saiba que está se comunicando neste exato momento, enquanto lê este texto. É isso aí, você e nós, que produzimos este livro, estamos nos comunicando por meio da linguagem. Para ser mais exato, da linguagem escrita.

A linguagem, seja ela verbal ou não verbal, é a principal ferramenta de comunicação do ser humano e, sem ela, a vida em sociedade seria bem diferente do que é. Quando nos comunicamos com outras pessoas, trocamos ideias, conhecimentos,

experiências e sentimentos. Tem sido assim desde o início da humanidade e dessa forma aprendemos e evoluímos.

COMUNICAÇÃO VERBAL

Faz uso das palavras, seja na forma escrita ou falada.

Exemplos: uma conversa entre duas pessoas, um livro, um e-mail...

COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL

Ocorre por meio de imagens, gestos e sons.

Exemplos: emojis, músicas, expressões faciais, o silêncio...

Nestas páginas, vamos nos concentrar na linguagem verbal, dividida basicamente em duas categorias: a fala e a escrita.

O ser humano apresenta, naturalmente, as ferramentas para a fala, graças ao aparelho

fonador (pulmões, laringe, língua, lábios, dentes e outros órgãos que nos permitem produzir sons).

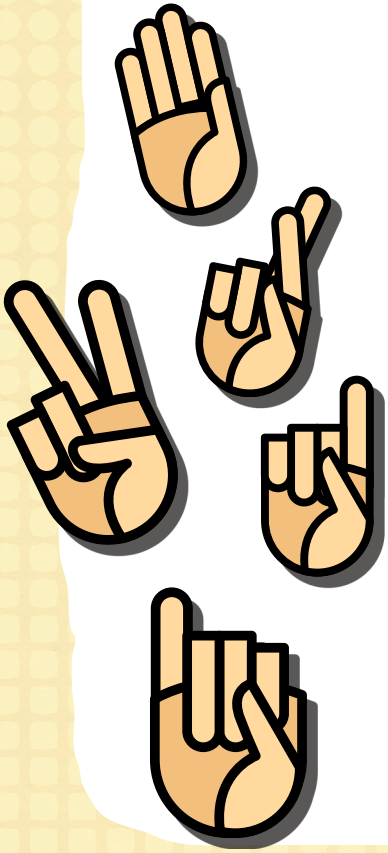
O fato é que, vivendo em sociedade, somos capazes de aprender a nos comunicar pela fala sem a necessidade de um ensino formal. Ainda bem pequenos, começamos a atribuir significados para alguns sons que produzimos e ouvimos, e percebemos que as pessoas a nossa volta reagem a eles. Aos três ou quatro anos de idade, com a interação e o estímulo adequados, as crianças já conseguem se comunicar de forma fluente por meio da fala.

DICA DA RUIVA

Todo indivíduo é produto do meio em que vive. Por isso, aprendemos primeiro a(s) língua(s) à(s) qual(is) estamos expostos.

DIZ AÍ, DEÍCO!

Embora seja a forma de linguagem mais comum, a fala não é a única maneira que as crianças têm para se comunicar. As que nascem surdas ou com alguma deficiência no aparelho fonador podem aprender a se comunicar por meio de gestos e sinais.



A escrita, por sua vez, precisa ser ensinada, pois é uma invenção humana e não algo natural. O local mais adequado para esse aprendizado é a escola, que, além de alfabetizar, deve ensinar as diferenças entre a fala e a escrita, algumas das quais podemos ver na tabela abaixo.

FALA	ESCRITA
Marcada pelo ritmo e pelo tom das palavras e frases.	Marcada pela pontuação, que representa a entonação que se quer dar à frase.
É construída a partir de sons.	É construída a partir de símbolos (as letras) e da ortografia (uma convenção de como se deve usar as letras).
Interação face a face.	Interação a distância, no tempo e no espaço.
Acesso imediato às reações do interlocutor.	Geralmente, sem possibilidade de acesso imediato às reações do leitor.
A fala, geralmente sem um planejamento prévio, costuma mostrar todo o seu processo de criação.	O texto tende a esconder seu processo de criação, revelando-se apenas quando está pronto.

Fica mais fácil perceber que a fala e a escrita têm recursos próprios quando comparamos mensagens com o mesmo conteúdo construídas para cada um desses meios. Veja este exemplo:

Caramba, uma vez eu conheci um moleque muito zoeiro. Aí, uma vez, ele foi no... a mãe dele levou ele ao médico... E... Como ele era muito doido, né... A enfermeira atendeu... Aí ele armou mó confusão lá no consultório. Tipo, ele fez um montão de bagunça lá dentro, num quis... Num quis ver se estava doente. Aí a mãe dele pegou, né? E mostrou a ele. Ele num quis... Aí ele saiu correndo e derrubou o médico... O médico caiu, cara... A cadeira caiu em cima do médico e os dois foram embora rapidinho.

Já conheci um menino muito levado. Certa ocasião, quando a mãe o levou ao médico, ele criou a maior confusão. Não queria ser examinado, acho que estava com medo. A mãe ainda tentou convencê-lo, mas não teve jeito. Ele saiu correndo, derrubou o médico e a cadeira. A mãe, envergonhada, saiu rapidamente.

É possível observar algumas diferenças entre os dois formatos: a fragmentação da fala em contraste com a continuidade da escrita; o uso de termos típicos da oralidade, como “aí”, “né” e “tipo”, além da presença das gírias; a organização do texto escrito e sua preocupação maior em contextualizar a situação.

A escrita complementa e amplia as possibilidades da fala. A união das duas constitui os milhares de idiomas e dialetos existentes em nosso planeta e faz da comunicação verbal uma das principais bases da cultura humana.

A função social da escrita

A escrita cumpre diferentes papéis em nossa sociedade, mas quatro deles se destacam:

Organização

As palavras escritas permitem organizar objetos, locais, pessoas e informações, como ocorre em rótulos, placas, crachás e listas.

COMUNICAÇÃO

Essa pode parecer uma função óbvia, mas é muito importante, pois possibilita a troca de ideias ao longo do tempo e do espaço. Um texto feito na China há mais de mil anos ainda pode provocar efeitos no Brasil de hoje e atingir muito mais pessoas do que se fosse falado por um único indivíduo. Jornais, cartas e aquele recado que sua mãe deixou para você na mesa da sala são outros exemplos.

REGISTRO

Com essa categoria é possível anotar e guardar informações. A escrita foi a primeira maneira de "salvar" conhecimentos, mais ou menos como fazemos nos games e nos arquivos de computador. Já pensou se, a cada geração, a humanidade tivesse que redescobrir tudo? A escrita permite o acúmulo do conhecimento. Os livros simbolizam bem essa função.

LAZER

A escrita é uma ótima ferramenta para expressar nossa imaginação. Por meio dela, podemos criar histórias e refletir sobre nossas vidas. A literatura e as histórias em quadrinhos são decorrentes disso.

Tudo o que você leu até aqui mostra o quanto a linguagem faz parte de nossas vidas. Como vivemos em uma sociedade em que prevalece a comunicação verbal, precisamos conhecê-la bem. Em um texto ou uma fala, o autor pode ter a intenção de criticar, convencer, censurar e até mesmo mentir.

É importante sermos capazes de produzir mensagens com a forma e o conteúdo adequados e também de interpretar corretamente as informações recebidas. Assim, o aprendizado da língua é fundamental. Cabe à escola ensinar o domínio da escrita. Mas cabe ao indivíduo, sobretudo, ter consciência da importância que a escrita tem na formação da sua identidade e no exercício da cidadania.

Uma língua para cada um

Como você sabe, há vários idiomas falados pelo mundo. O que nem todos percebem, no entanto, é que nenhum deles é homogêneo. Duas pessoas de lugares diferentes do mesmo país podem falar e escrever o mesmo idioma, mas de maneiras distintas. Isso acontece porque uma língua

está sempre em evolução e porque varia de acordo com o tempo, o local e as pessoas que a utilizam.

Esses diferentes modos de usar um idioma são chamados de variantes ou variações linguísticas e podem ser dos seguintes tipos:

Variações históricas – evidenciam a evolução das línguas ao longo do tempo. O português praticado atualmente no Brasil é muito diferente daquele do século XVIII. Um bom exemplo é a forma de tratamento informal "você", que veio da expressão formal "vossa mercê", originalmente destinada à nobreza. Hoje, é comum falarmos "cê" e escrevermos "vc". Também é fácil percebermos essas variações quando conversamos com pessoas de gerações mais antigas, como nossos avós.

Variações geográficas – os dialetos e os sotaques representam bem essa variante, que pode ocorrer em regiões diferentes de um mesmo país, em estados diferentes de uma mesma região ou até em cidades diferentes de um mesmo estado. Às vezes, só de ouvir alguém falar, podemos saber se é de Minas Gerais, do Ceará, do Rio Grande do Sul ou do Pará.

Variações socioculturais – a língua também varia de acordo com os grupos que a utilizam. Esses grupos podem ser definidos por aspectos profissionais, econômicos e sociais. Em um papo com médicos, você vai ouvir palavras muito diversas do que ouviria se estivesse conversando sobre o mesmo tema com advogados. De forma semelhante, as gírias ditas por surfistas provavelmente não seriam entendidas por grafiteiros e vice-versa; pessoas com alta e baixa escolaridade falam de maneira diferente; homens e mulheres têm formas próprias de se expressar etc.

Variações individuais – Assim como a língua faz parte da construção de nossa identidade, essa identidade influencia a forma como utilizamos a língua. Cada um de nós tem uma maneira própria de se expressar, percebida na entonação e no vocabulário utilizado em nossas falas e escritas.

Diante de tantas possibilidades, fica difícil definir o que é certo ou errado em uma língua. O que seria mais apropriado, “tangerina” ou “mexerica”? “Aipim” ou “mandioca”? Ambas as alternativas estão corretas. O importante é nos preocuparmos em adequar a variante à situação e ao interlocutor.

A frase “tô cum pobrema” não segue a norma padrão, mas, de acordo com o contexto, não está necessariamente errada. O autor dessa frase pode não ter tido acesso à educação; pode estar sendo irônico; pode estar representando um personagem; pode se encontrar em um ambiente informal. São muitas as possibilidades.

NORMA PADRÃO

Definida pelos gramáticos e presente em dicionários, livros e documentos oficiais. É importante conhecê-la, pois serve de referência para os falantes de uma língua. Por meio da educação, deve estar ao alcance de todos e desempenhar a função de base, não de modelo rígido ou objetivo final.

Os conceitos de certo e errado não podem existir quando se trata da língua porque podem levar ao preconceito e contribuir para discriminar as pessoas pela sua origem, condição social e outros tantos motivos. Lembre-se, a função primordial da linguagem e do uso de uma língua é a comunicação, um direito humano! O im-

portante é que os falantes de uma língua consigam transmitir o que desejam e compreender as informações recebidas. E ninguém deve ser criticado por se comunicar mesmo sem conhecer a norma padrão. No entanto, é essencial conhecê-la para utilizá-la quando adequado. Ensinar a norma padrão é uma função básica da escola.

DIZ AÍ, DEÍCO!

A linguagem é expressão da cultura e, por isso, não existe um jeito certo de falar. Não há cultura maior ou menor, melhor ou pior. Existem diferenças e nós somos ricos, **ricos**, nessas diferenças.

O fundamental a entender é que todos nós, na verdade, falamos mais de uma forma da língua, cada um deles usado em função da situação em que nos encontramos. Não falamos com nossos familiares da mesma

maneira que falamos com os colegas de escola. Não escrevemos uma redação do mesmo jeito que uma mensagem no celular. Não usamos com estranhos a mesma entonação que usamos com o namorado.

O jeito de falar e de escrever, as palavras, o tom e o nível de formalidade que usamos dependem de nossa identidade, da situação e do lugar em que nos encontramos e do interlocutor com quem interagimos.

Pense na língua como um guarda-roupa ou uma caixa de ferramentas. Você até pode aparecer de roupa de banho em uma festa de casamento, mas, dependendo do tipo de festa, pode ser inadequado. De modo semelhante, usar uma chave de fenda para afixar um prego não será a escolha mais eficiente. Estudar a língua é ampliar o número de roupas em nosso armário, é aumentar as opções de ferramentas em nossa caixa. É estar cada vez mais bem preparado para conseguir se comunicar em situações as mais diversas possíveis.

Assista!

Referências Bibliográficas

BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela. *Português do Sul do Brasil: Variação Fonológica*. Porto Alegre; EDIPUCRS, 2010.

BRAGA, Maria Luíza; MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à Sociolinguística: o Tratamento da Variação*. São Paulo; Contexto, 2011.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Linguística*. São Paulo: Scipione, 1989.

Se vi mais longe, foi por estar de pé sobre ombros de gigantes

Isaac Newton, em carta
ao colega Robert Hooke
(fevereiro de 1675)

Talvez você já tenha visto algo parecido com o que está escrito aí em cima em outros lugares. Parecido não no conteúdo da mensagem, mas na forma: uma citação ou um trecho de algum texto, escrito ou falado, que serve de abertura, introdução, para outra obra, em geral sobre o mesmo tema.

O nome desse recurso é epígrafe, muito utilizada em livros, cartas e trabalhos acadêmicos para introduzir ao leitor o teor da

mensagem que vem a seguir. A epígrafe é um dos tipos de intertextualidade, assunto desse capítulo.

A intertextualidade acontece quando há uma referência explícita ou implícita de um texto em outro, criando ligações entre eles. Pode ocorrer também em outras formas de linguagem, além da verbal (músicas, pinturas, filmes) e entre linguagens diferentes.

Intertextualidade é a relação entre textos, sejam eles verbais ou não verbais.

O quadro *O Grito*, de Edvard Munch, inspirou a máscara da série de filmes *Pânico*.

Essas ligações estão sempre presentes em nossas vidas. Relacionar informações faz parte da maneira de pensar do ser humano. Estamos constantemente absorvendo novos conhecimentos, a partir dos quais formamos nossas próprias ideias.

Isso se dá em todos os campos do saber e em todas as formas de expressão. Por isso que a frase da epígrafe foi escolhida para abrir esse capítulo; ela tem tudo a ver com o tema!

Quando o inglês Isaac Newton a escreveu, ele quis dizer que suas descobertas científicas só foram possíveis devido aos estudos de outros grandes cientistas (os "gigantes") que vieram antes dele. As teorias de Newton dialogam, têm intertextualidades, com outras teorias. O conhecimento, em todas as áreas, é uma grande construção coletiva.

Algo semelhante se passa conosco. Quando lemos ou escrevemos, utilizamos informações que obtivemos antes para construir o sentido do que estamos lendo ou escrevendo. Compreender como usamos a intertextualidade na condição de escritores e leitores pode ajudar a enriquecer nossas interpretações e melhorar nossa produção textual.

DIZ AÍ, DEÍCO!
Quanto mais lemos, quanto mais ampliamos nossa cultura geral, mais referências entre textos podemos identificar e mais relações podemos estabelecer.

Para que possamos reconhecer a existência da intertextualidade, devemos ter uma ampla bagagem cultural. Por isso, ler livros, assistir a filmes, ir a exposições, ouvir músicas, tudo dos mais diversos gêneros e estilos possíveis, é muito importante. Expande nosso universo de conhecimentos e de informações. É como se enxergássemos ainda mais longe porque os gigantes sobre cujos ombros estamos ficaram maiores (percebeu a intertextualidade newtoniana aqui? Hein, hein?).

Para alguns estudiosos, esse conceito é tão importante que, sem ele, nenhum texto faria sentido. Assim como cada indivíduo de-

pende do convívio social para construir sua identidade e sobreviver, um texto só ganha sentido por se relacionar com a memória e a cultura do meio no qual foi produzido.

A série *Stranger Things*, de 2016, faz referência a diversas produções da década de 1980, entre elas *E.T. - O Extraterrestre*.

Os tipos de intertextualidade

É fácil perceber o quanto a intertextualidade faz parte do nosso dia a dia. Ela pode ocorrer de diferentes formas. Vejamos as principais delas:

Paráfrase

Consiste em mudar as palavras e manter a ideia central do texto original. Ao contar para um amigo a história de um filme que acabou de assistir ou ao responder a uma pergunta de prova se baseando em um livro estudado, você está parafraseando algo (o filme ou o livro, nesses casos), pois está transmitindo com suas próprias palavras a mensagem de outros textos-fonte.

O poema *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias, foi escrito em 1843, quando o autor vivia em Portugal, e reflete a saudade que ele sentia do Brasil, sua terra natal. É uma das obras com mais intertextualidades da literatura brasileira. Veja a primeira estrofe:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Agora veja um trecho da poesia *Europa, França e Bahia*, de Carlos Drummond de Andrade, publicada em 1930:

Meus olhos brasileiros se fecham saudosos
Minha boca procura a Canção do Exílio.
Como era mesmo a Canção do Exílio?
Eu tão esquecido de minha terra...
Ai terra que tem palmeiras
Onde canta o sabiá!

Drummond retoma o texto–fonte, conservando suas ideias. Não há mudança do sentido principal da *Canção do Exílio*, que é a saudade e a exaltação da terra natal.

Citação

Agora, dê uma olhada na segunda estrofe da *Canção do Exílio*:

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Provavelmente você já leu ou ouviu algo parecido, não? Talvez não esteja lembrando, então, nos deixe ajudá-lo. Veja este trecho de um poema de Joaquim Osório Duque-Estrada, escrito em 1909, também conhecido como a letra do Hino Nacional Brasileiro:

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos lindos campos têm mais flores,
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores".

Lembrou agora? Duque-Estrada estabeleceu um tipo de intertextualidade entre o Hino Nacional e a obra de Gonçalves Dias conhecido como citação. Repare nas aspas dos trechos do hino que repetem as palavras da *Canção do Exílio*. Elas, as aspas, estão ali justamente para sinalizar que essas passagens foram retiradas de outra fonte.

A citação é uma transcrição, ou seja, uma repetição exata de palavras. Ela é muito comum em matérias jornalísticas, que reproduzem a fala dos entrevistados. Nesses casos, tanto as aspas quanto o travessão servem para sinalizá-la.

Paródia

Continuemos com o poema de Gonçalves Dias (eu avisei que era uma das obras com mais intertextualidades, não avisei?). Compare-o com a estrofe inicial de *Canto de Regresso à Pátria*, de Oswald de Andrade, publicado em 1925:

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Em um primeiro momento, pode parecer uma paráfrase, mas, se soubermos o contexto em que Oswald escreveu esses versos, perceberemos que se trata de uma paródia, um tipo de intertextualidade usada para contestar ou ridicularizar as ideias do texto-fonte.

Oswald de Andrade participou do modernismo brasileiro, que tinha como um de seus objetivos criticar o idealismo romântico e o nacionalismo exacerbado, características presentes na *Canção do Exílio*.

A palavra *palmares*, empregada no lugar de *palmeiras,* faz referência ao Quilombo dos Palmares, local de refúgio e resistência dos escravos durante o século XVII, no Brasil Colônia. Foi dizimado pelas forças portuguesas em 1695. Com isso, há uma inversão no sentido do texto original. A exaltação à pátria é substituída pela crítica à escravidão no Brasil.

Os humoristas fazem uso constante da paródia. Ao abordarem de maneira cômica e irônica discursos anteriormente incontestados, provocam riso e reflexão no público.

Alusão ou referência

Nesses casos, não se cita diretamente o texto-fonte, estando a intertextualidade implícita, escondida nas entrelinhas. Para perceber uma alusão, geralmente é ainda mais necessário conhecer previamente o texto-fonte. Veja esses versos da canção *Tropicália*, de Caetano Veloso, escrita em 1967.

O monumento é bem moderno
Não disse nada do modelo
Do meu terno
Que tudo mais vá pro inferno
Meu bem

Que tudo mais vá pro inferno
Meu bem

Viva a banda, da, da
Carmem Miranda, da, da, da, da

Viva a banda, da, da
Carmem Miranda, da, da, da, da

Para quem não reconhece as referências, esse trecho pode soar como um amontoado de frases sem sentido. Porém, elas ganham significado quando sabemos que os versos em negrito se referem a músicas de Roberto Carlos (*Quero Que Vá Tudo pro Inferno*) e de Chico Buarque (*A Banda*), lançadas poucos anos antes de *Tropicália*.

A intertextualidade fica mais intensa se levarmos em conta que essa música é um dos hinos do Tropicalismo, movimento cultural que defendia a mistura de elementos da cultura nacional e estrangeira. Mistura essa tão bem simbolizada na figura de Carmen Miranda, citada logo a seguir na canção.

A intertextualidade, nos tipos mostrados acima e em outros existentes, baseia-se em três princípios:

1. Ela é uma condição do discurso, de nossa maneira de pensar a partir da criação de relações entre temas e textos.

2. Parte-se sempre de um ou mais textos-fontes, que podem ser verbais ou não verbais.

3. A nova mensagem criada não se trata de uma mera cópia do texto-fonte. Ela reforça ou critica as ideias do texto original.

Referências Bibliográficas

KOCH, Ingedore Villaça. *O Texto e a Construção dos Sentidos*. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2007. p.59-74

SANT'ANNA. Affonso Romano. *Paródia, Paráfrase & Cia*. São Paulo: Ática, 1985. p. 23.

ESTRATÉGIAS PARA LER UM TEXTO

A esta altura, já vimos que um texto pode ser verbal (falado ou escrito) ou não verbal (imagens, gestos etc). Além disso, pode ter qualquer tamanho, desde que suas partes formem uma unidade. Essa relação entre as partes de um texto – o que dá sentido a ele – é chamada de textura. Neste capítulo, vamos ver as características linguísticas que a determinam.

Para começar, vamos comparar os textos abaixo:

TEXTO 1

Carne, farinha de trigo, ovos, leite, sal, farinha de mandioca.

TEXTO 2

Lista de compras:

Carne

Farinha de trigo

Ovos

Leite

Sal

Farinha de mandioca

Os exemplos acima são quase idênticos nas palavras, mas diferentes no sentido. No primeiro caso, reconhecemos no texto vários nomes de alimentos. No entanto, qual é seu sentido? São nomes aleatórios? Uma receita? Uma lista de produtos cujos preços mais subiram no último mês? Os alimentos preferidos de alguém? Não há como saber ao certo.

Já no segundo exemplo, algumas características, como o título e a organização das palavras, dão ao texto unidade, função e sentido. Podemos perceber, claramente, a intenção do autor: listar os itens que precisam ser comprados no supermercado.

A lista de compras é formada apenas por substantivos, demonstrando que um texto não precisa ter, obrigatoriamente, frases verbais (aquelas com a presença de verbos) e elementos de ligação, conhecidos como conjunções. O sentido da lista é construído a partir da relação entre os itens.

DIZ AÍ, DEÍCO!

Os variados gêneros discursivos nos possibilitam interagir de diferentes maneiras, de acordo com o contexto. Cada gênero é uma forma-padrão que, quando reconhecida, oferece ao leitor informações importantes para interpretar a mensagem.

Entretanto, só conseguimos interpretar corretamente o texto porque possuímos um conhecimento prévio, adquirido ao convivermos com as práticas sociais que lhe conferem sentido. Já vimos uma lista de compras antes, sabemos que aquelas palavras representam alimentos que estão à venda etc. Ou seja, a lista de compras pertence a um gênero discursivo ao qual estamos habituados. É a nossa competência sociocomunicativa que nos permite transitar entre os diversos gêneros e entendê-los corretamente.

Vamos analisar outros exemplos de gêneros discursivos:

Bolo de cenoura com cobertura de chocolate

Ingredientes para a massa:

- 3 ovos;
- 3 cenouras;
- 3 xícaras de farinha de trigo;
- 3 xícaras de açúcar;
- 1 copo de óleo de soja;
- 1 colher (sopa) de fermento químico em pó.

Ingredientes para a cobertura:

- 1/2 copo de leite;
- 2 colheres (sopa) de açúcar;
- 4 colheres (sopa) de achocolatado em pó;
- 1 colher (sopa) de margarina.

Como fazer:

Massa:

1. Bata no liquidificador os ovos, as cenouras e o óleo;
2. Numa bacia, junte tudo e, depois, coloque em uma forma untada para assar.

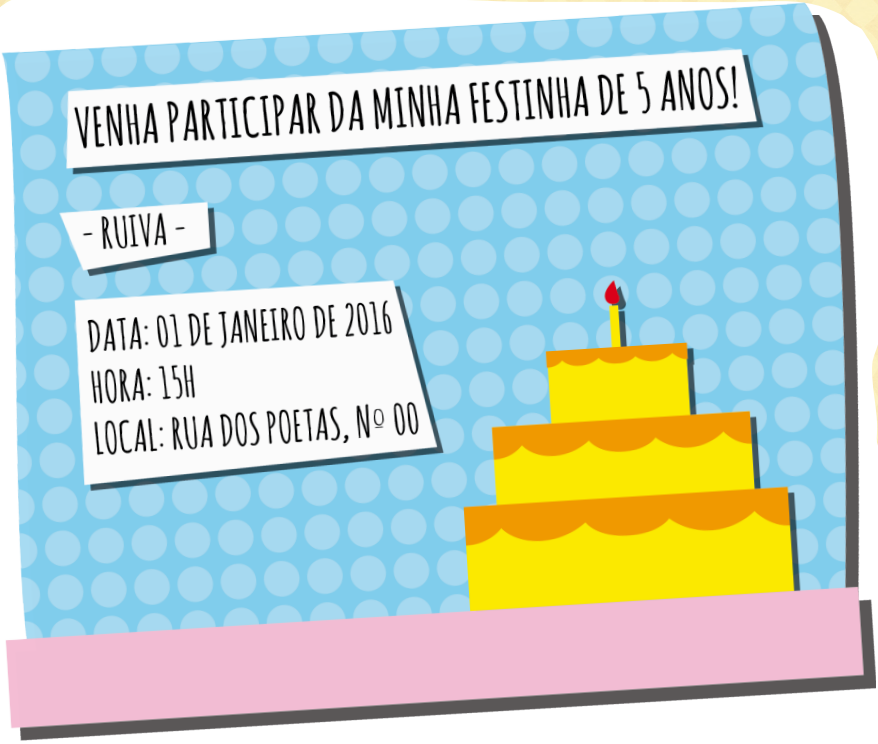
Cobertura:

Coloque todos os ingredientes em fogo brando e vá mexendo até ficar uma calda espessa. Derrame sobre o bolo, furando-o com um garfo.

Podemos logo entender que o texto acima é uma receita culinária. Observe que ela está dividida em duas etapas: a lista dos ingredientes e o modo de fazer, com dois estágios diferentes: a massa e a cobertura. A lista de ingredientes tem frases nominais, nas quais predominam os numerais, os recipientes de medidas e os produtos para compor a massa. Já o modo de fazer é composto com verbos de comando, no imperativo, pois indica como se faz algo; no caso, o bolo.

Logo, a finalidade do gênero "receita" é dar o passo a passo para se fazer algo. Assim, trata-se de um gênero discursivo cujas informações devem estar bem explícitas para que o interlocutor siga, corretamente, o modo de fazer e obtenha sucesso na sua tarefa.

O exemplo seguinte é um convite para uma festa de aniversário. As cores, os personagens e a composição nos levam a crer que seja um aniversário de criança, antes mesmo de lermos que é uma festa de 5 anos. Três informações são essenciais: dia, hora e lugar. Observe que estão em destaque, pois sem elas os convidados não conseguiriam chegar à festa e o convite não cumpriria sua função.



Os textos que ilustram os exemplos acima apresentam diferentes gêneros com contextos diversificados, finalidades e propósitos comunicativos diferenciados. Para tanto, os recursos gramaticais utilizados são selecionados em função dos propósitos comunicativos do autor.

Os exemplos demonstram a ideia de que toda manifestação verbal ocorre por meio de textos pertencentes a algum gênero discursivo. Sendo assim, há gêneros para as mais variadas situações sociais. Um diário,

uma carta, um romance, uma reportagem, uma propaganda, um trabalho escolar e um poema também são exemplos de formas-padrão que representam gêneros discursivos.

DICA DA RUIVA

A forma de um texto ajuda a identificar a qual gênero ele pertence, mas atenção! O que define um texto é sua função, não seu formato. É possível escrever um poema nos moldes de um convite e ele continuará sendo um poema. O inverso também é verdadeiro. Um convite com estrofes e rima não é um poema.

O contexto é fundamental para decifrarmos corretamente um texto.

Estratégias de leitura

Para interpretar adequadamente um texto, devemos "conversar" com ele antes mesmo de começar a lê-lo. Informações como o suporte utilizado (livro, televisão, jornal, celular etc), o gênero discursivo adotado e as imagens que o acompanham nos dizem muito sobre o que vamos encontrar ao longo da leitura. A partir dessas informações, criamos expectativas e podemos levantar hipóteses a respeito do conteúdo.

Durante a leitura, confirmamos, rejeitamos e ajustamos essas expectativas, ao mesmo tempo em que outras hipóteses sobre o desenrolar e a conclusão vão surgindo em nossas mentes. É quase como assistir a um filme de suspense e tentar adivinhar o desfecho!

Por fim, com a leitura concluída, estamos aptos a fazer uma avaliação crítica do texto, assimilando as informações transmitidas, relacionando-as com outros conhecimentos prévios que temos sobre o assunto e julgando sua pertinência.

ANTES DA LEITURA	DURANTE A LEITURA	APÓS A LEITURA
Analisar título, subtítulo, imagens etc.	Identificar a ideia principal do texto.	Avaliar as informações transmitidas.
Observar o suporte e o gênero discursivo do texto.	Confirmar, rejeitar e ajustar as expectativas criadas.	Construir a síntese do texto.
Verificar o autor do texto. Você o conhece? Ele conhece você? Já leu outros textos dele?	Construir o sentido global do texto.	Trocar opiniões sobre o texto.
Acessar o conhecimento prévio que você possui sobre o assunto.	Relacionar as novas informações com seus conhecimentos prévios.	Analisar criticamente o texto.

Use esses conhecimentos quando estiver lendo os diferentes textos que aparecem nas aulas de História, Ciências, Geografia e Matemática. Você verá que eles farão muito mais sentido.

Referências Bibliográficas

CORRÊA, Leda; BEZERRA, Antônio Ponciano; CARDOSO, Denise Porto. (Orgs.) *O Texto em Perspectiva*. São Cristóvão: Editora da Universidade Federal de Sergipe, 2009.

KOCH, Ingedore. Grunfeld Villaça. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____, TRAVAGLIA. Luiz Carlos. *Texto e Coerência*. São Paulo: Cortez, 2005.

ENCANTOS DA PALAVRA

Uma pergunta comum quando se fala em texto poético é: qual a diferença entre poema e poesia? Aliás, existe diferença? Sim, podemos afirmar que poesia e poema são diferentes e, para tentar entender isso, nada melhor do que a leitura do trecho de um poema.

TEM TUDO A VER (ELIAS JOSÉ)

A poesia
tem tudo a ver
com tua dor e alegrias,
com as cores, as formas, os cheiros,
os sabores e a música
do mundo.

(...)

A poesia
- é só abrir os olhos e ver -
tem tudo a ver com tudo.

E aí, o que achou? Um poema é caracterizado como um texto primordialmente em verso (cada linha do poema é um verso), mas não exclusivamente verbal. O poema diz respeito à forma, por isso, tem uma existência concreta. Depois de pronto, fica ao alcance do leitor. O trecho acima é composto por duas estrofes – dois conjuntos de versos.

Já a poesia é uma maneira pela qual podemos expressar nossas ideias e emoções utilizando a arte da palavra. O mundo da poesia é rico e encantador. A poesia é algo anterior ao poeta, é algo imaterial, que se concretiza em palavras.

Mas ela não precisa estar, necessariamente, nos versos do poema. Pode estar numa foto do pôr do sol, no olhar do/a namorado/a, no romantismo de uma história, num gesto delicado. Por isso, o último verso do poema diz que a poesia "tem tudo a ver com tudo".

POESIA

Tudo que toca a sensibilidade. Pode estar em diferentes linguagens.

POEMA

Gênero textual com predominância da função poética.

O contato com textos literários nos ajuda a olhar o mundo de forma mais poética. Sendo assim, a leitura de poemas pode nos sensibilizar, permitindo que vejamos tudo com mais sutileza e beleza.

Ler um poema é uma atividade que, quanto mais praticada, melhor se torna, pois o leitor tem funções muito importantes na decodificação desse tipo de mensagem: reler, analisar e interpretar os versos para vislumbrar a poesia que o autor tentou transmitir com aquelas palavras.

DICA DA RUIVA

Toda forma de arte pode conter poesia. Filmes, livros (de poemas ou não), pinturas, fotografias, peças teatrais, esculturas, músicas, números de dança. Abra os sentidos e perceba!

O eu lírico

Um conceito importante e que pode causar muitas dúvidas quando falamos de poemas é o eu lírico, que deve ser diferenciado do poeta. O poeta é a figura concreta, o ser de carne e osso que escreve os versos; o eu lírico é a voz do poema; pode ser homem ou mulher, adulto ou criança, humano ou animal. Diz respeito ao imaginário. É a voz que toma vida no poema para dizer o que ele deseja ao leitor.

Quem melhor expressou em versos o que é ser poeta foi o famoso escritor português Fernando Pessoa. Vamos ler o poema *Autopsicografia*, que trata dessa pluralidade do poeta e do fazer poético.

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama o coração.

A palavra "auto" vem do grego *autos* e significa eu mesmo, ele mesmo; exprime a noção de próprio, de si próprio. "Psicografia" quer dizer a história ou a descrição da alma. O título do poema fala em descrição da própria alma. Seus versos retratam a pluralidade do fazer do poeta e do que é poesia.

A primeira estrofe lança a ideia fundamental de que "o poeta é um fingidor", particularizada, a seguir, pela ideia centrada na dor. Isso quer dizer que para fazer poesia não se precisa sentir, verdadeiramente, a dor. Pode ser suficiente fingi-la, imaginá-la. Para se expressar em linguagem poética, o poeta pode partir da dor real, "a dor que deveras sente", mas também da que está na imaginação.

Ou seja, não há poesia e arte sem imaginação, sem que o real seja transformado e expresso artisticamente. É a voz do poeta, o eu lírico, que manifesta "a dor que deveras sente". O poeta tem a capacidade de

brincar intelectualmente com as sensações, levando-as ao nível da arte poética, transformando-as em poema, objeto de fruição, de prazer para os leitores.

O eu lírico é a voz que expressa suas emoções no poema

Ritmo

Nos textos não literários, geralmente o autor seleciona as palavras, sua significação e combina-as para atender seus propósitos comunicativos. Na construção do texto literário, a seleção e a combinação das palavras se fazem não só pela significação, mas também por outros critérios, entre os quais a sonoridade. O resultado disso é a possível presença de ambiguidades, levando à produção de mais de um sentido: a plurissignificação do texto literário.

Nesse processo de seleção e de combinação, o ritmo e a musicalidade são inerentes à construção do poema. Você sabe que a poesia tem um caráter de oralidade porque ela é feita para ser falada e recitada. Esse

ritmo é tão importante que, até quando lemos um poema silenciosamente, percebemos seu lado musical e sonoro.

O mesmo acontece com as letras de músicas, que também são chamadas de poemas musicados. Esse ritmo pode ocorrer pela repetição de palavras ou pela repetição dos sons de uma ou mais letras (os fonemas).

Vamos verificar esse ritmo e essa musicalidade em um belo poema de Cecília Meireles.

Jogo da Bola
A bela bola rola:
a bela bola do Raul.

(...)

Rola a amarela
e pula a azul.

(...)

É bela, rola e pula,
é mole, amarela, azul.

A de Raul é de Arabela,
e a de Arabela é de Raul.

Na primeira e na penúltima estrofe, a combinação dos fonemas “b”, “r” e “o” traz a sensação de uma bola rolando suavemente. Os sons e as palavras tornam perceptível o jogo de bola descrito no poema.

O quicar da bola aparece na segunda estrofe, por meio do som da letra “p”. Veja o ritmo mais rápido na penúltima estrofe, auxiliado pelas palavras curtas de duas sílabas e o uso da vírgula. Perceba, também, a troca de bolas na última estrofe. É essa seleção e a combinação de palavras que trazem ritmo ao poema.

Estilos e formas

É claro que cada época tem uma linguagem própria. O modo de vida, o cenário social, as descobertas científicas, tudo isso influencia os artistas. Então, há ritmos diferentes entre poemas, por exemplo, do século XIX e do século XX. A vida das pessoas no passado era mais padronizada, mais calma. O ritmo era mais regular. Hoje, nossa vida é acelerada, mais livre de padrões, mais imprevisível.

O ritmo dos poemas acompanhou essa modificação. Ficou mais solto, menos simétrico. Compare os exemplos acima com um trecho do poema *Profissão de Fé*, de Olavo Bilac, poeta parnasiano do século XIX. Note a maior preocupação com a forma, marcada pela simetria dos versos e suas rimas perfeitas.

(...) Corre; desenha, enfeita a imagem,
A ideia veste:
Cinge-lhe ao corpo a ampla roupagem
Azul-celeste.

Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.

Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito:

E que o lavor do verso, acaso,
Por tão subtil,
Possa o lavor lembrar de um vaso
De Becerril. (...)

Aliás, antigamente o rigor era tão grande que os versos deviam ser escritos de maneiras específicas. Caso contrário, poderiam nem ser considerados poemas! Uma dessas formas fixas é o soneto. Composto por dois quartetos (estrofes de quatro versos) e dois tercetos (estrofes de três versos), o soneto apresenta, geralmente, versos de 10 e 12 sílabas.

Luís de Camões, poeta português do século XVI, escreveu alguns dos mais belos sonetos em nossa língua. Tempos depois, já no século XX, o brasileiro Vinicius de Moraes recorreu à forma do soneto, reconhecendo nos tempos modernos a cultura de séculos anteriores.

Vamos ler o *Soneto de Fidelidade*, de Vinicius.

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

(...)

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Poesia concreta

Por fim, queremos mostrar a você uma fase do modernismo que transformou o poema em imagem. Trata-se da chamada poesia concreta, surgida na década de 1950 e que tinha como objetivo romper com o verso tradicional e sua forma convencional de disposição e rima. A poesia concreta privilegia o espaço em branco da página, a pausa, as imagens, o significante, os sons e até mesmo as cores.

Um astronauta que vivia entre as constelações de estrelas, com a Lua e até Plutão. Procurando vida fora do planeta Terra. Longe do mundo de guerra. Será que ele enfrenta a solidão? Como viver sem amigos, sem paixão?

O exemplo acima é o poema Foguete, de Ariany Fonte Bôa Araújo, ex-aluna da E.M. Irmã Zélia. O que chama a atenção na obra não é apenas o som das palavras, mas sua representação gráfica, em forma de um foguete, objeto relacionado ao assunto do poema.

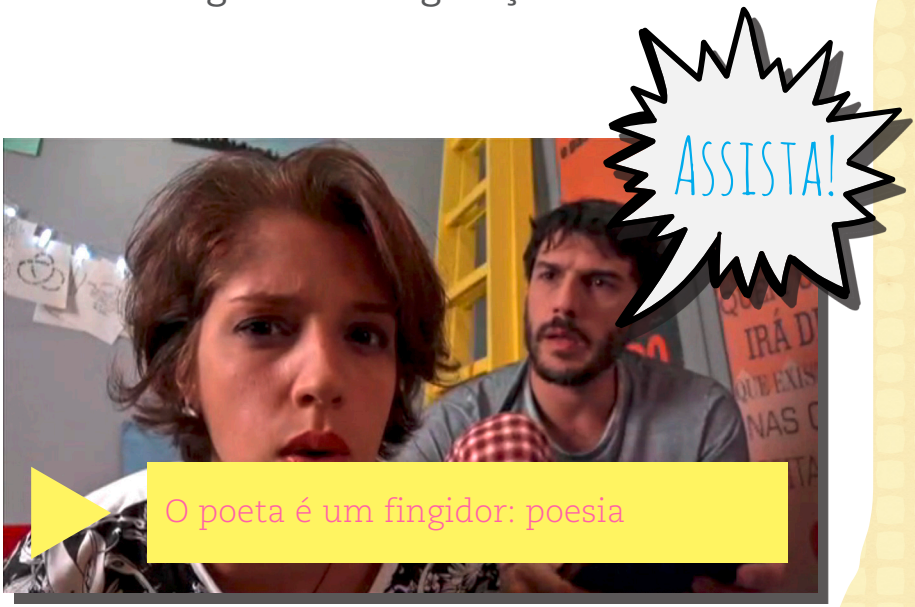
Para saber mais sobre a poesia concreta você pode acessar o site de Augusto de Campos, um dos principais artistas brasileiros desse gênero.

DIZ AÍ, DEÍCO!

Na literatura brasileira há poetas importantes com obras maravilhosas. Não deixe de ler os poemas de Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Cecília Meireles, Cora Coralina, José Paulo Paes, Haroldo de Campos, Paulo Leminski, entre outros tão importantes.

Há muito mais a dizer sobre o encantamento das palavras. Na verdade, há muito a sentir ao lermos poemas e ao fazermos poesia. Recorremos novamente a Vinicius de Moraes, que resumiu como ninguém o que é o fazer poético:

"O material do poeta é a vida, e só a vida, com tudo que ela tem de sórdido e sublime. Seu instrumento é a palavra. Sua função é a de ser expressão verbal rítmica ao mundo informe de sensações, sentimentos e pressentimentos dos outros com relação a tudo que existe ou é passível de existência no mundo mágico da imaginação".



Referências bibliográficas

FILHO, Domício Proença. *A Linguagem Literária*. São Paulo, Editora Ática, Série Princípios, 1986.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, Sons e Ritmos*. São Paulo, Editora Ática, Série Princípios, 1989.

LYRA, Pedro. *Conceito de Poesia*. São Paulo, Editora Ática, Série Princípios, 1986.

LEITE, Maristela Petrili de Almeida; SOTO, Pascoal/coordenação editorial. *Literatura em Minha Casa. Palavras de Encantamento: Antologia de Poetas Brasileiros*. São Paulo: Moderna, 2001.

CONTO

A ARTE DE NARRAR

Você já percebeu como as histórias nos seduzem? Como somos capazes de ficar quietinhos, parados, para ouvi-las? Por que isso acontece? Desde que o mundo é mundo, as histórias e as cantigas populares vêm alimentando a sensibilidade de muitas e muitas gerações.

Nas sociedades primitivas, os sacerdotes se reuniam com seus discípulos para contar histórias que revelavam comportamentos aceitáveis na época. Em comunidades indígenas, o cacique se reúne com a tribo para a transmissão de ritos e mitos. No mundo ocidentalizado, ainda que em menor frequência, as famílias se reúnem em volta da mesa para trocar ideias, dar notícias, contar casos.

Há um provérbio português que diz “quem conta um conto, aumenta um ponto”. Significa dizer que, ao contarmos uma história, um caso, acabamos por aumentá-lo, exageramos, e utilizamos tintas mais fortes naquilo que mais nos chama a atenção, mais nos interessa acentuar.

Mas, o que é um conto? O que é um contador de histórias? O que diferencia os tipos de contos? Neste capítulo, vamos responder a essas perguntas para entender aspectos fundamentais do conto. O mais importante é que você o conheça e tenha vontade de ler!

O conto: texto de base narrativa

Primeiramente, é importante entender que o conto faz parte de um conjunto maior de modos de narrar ou de representar a realidade. Há três definições de conto:

1) o relato de um acontecimento;

2) a narração, oral ou escrita, de um acontecimento imaginado;

3) uma fábula que se conta às crianças para diverti-las.

O ponto em comum dessas três definições é que todas são **modos de contar algo**. Por isso são chamadas **narrativas**.

Contar vem do latim *computare*. A tradição de contar histórias oralmente evoluiu para o registro, por escrito, das histórias. Contar não é simplesmente relatar acontecimentos ou ações.

Relatar também tem origem no latim e significa trazer o acontecimento outra vez. Por exemplo, quando alguém testemunhou ou teve notícia de algo. Mas o conto não tem compromisso com a realidade. O conto é fruto da imaginação. Ele se inventa. É um texto literário.

DICA DA RUIVA

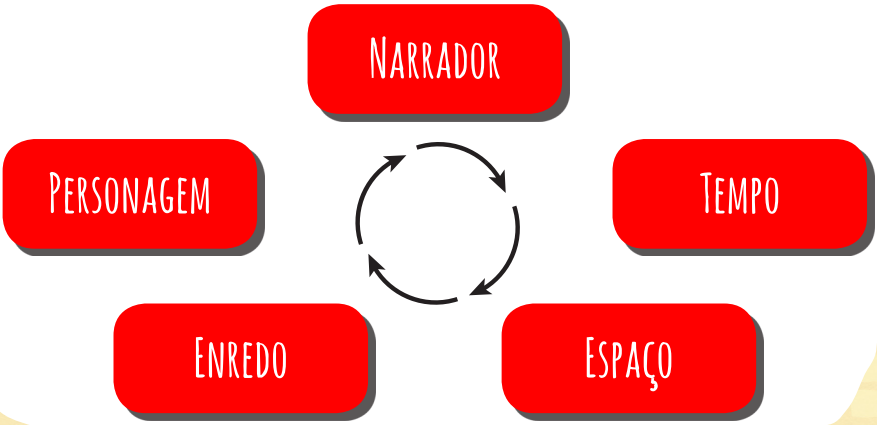
O conto é um texto literário de base narrativa.

Quando falamos em base narrativa, queremos dizer que há uma sequência de fatos. Essa sequência é que caracteriza o narrar e todos os gêneros de base narrativa.

E por que o conto é literário? Porque a linguagem literária é uma das formas de apreensão, de entendimento do real. É um modo diferente que temos de descrever a realidade, fazendo um uso especial do discurso. O ser humano vive em permanente e complexa interação com a realidade, percebendo-a de diversas maneiras. Por isso, nem sempre um contador de histórias é um contista.

Os elementos que estruturam um conto

Todo texto narrativo pressupõe a presença fundamental dos seguintes elementos:



Então, o que caracteriza o conto propriamente dito? O conto se estrutura com esses cinco elementos, mas, diferentemente de outros textos de base narrativa, todos esses elementos estão reduzidos. Isso quer dizer que, geralmente, há poucos personagens, um único espaço, um tempo bem determinado e uma única ação.

Dessa forma, tudo que não estiver diretamente relacionado à conquista do leitor deve ser suprimido. Além disso, o destaque está para o desfecho da história narrada, pois o conto pode terminar em seu ponto alto, o clímax.

Uma narrativa é dividida nas seguintes partes:

Situação inicial – deflagra o enredo;

Complicação – parte do enredo na qual é desenvolvido o conflito;

Clímax – o momento culminante, de maior tensão da história. Quando o conflito atinge seu ponto máximo;

Desfecho – a solução do conflito, a parte final, que pode ser boa, má, surpreendente, trágica, cômica etc.

Para ilustrar o que estamos apresentando sobre o conto, vamos ler *O Diamante*, de Luis Fernando Veríssimo, extraído do livro *O Santinho* (Editora Objetiva).

O Diamante

Luis Fernando Verissimo

Apresentação

Um dia, Maria chegou em casa da escola muito triste.

Desenvolvimento, complicação

— "O que foi?" perguntou a mãe de Maria.

Mas Maria nem quis conversa. Foi direto para o seu quarto, pegou o seu Snoopy e se atirou na cama, onde ficou deitada, emburrada. A mãe de Maria foi ver se Maria estava com febre. Não estava. Perguntou se Maria estava sentindo alguma coisa. Não estava. Perguntou se estava com fome. Não estava. Perguntou o que era, então.

— "Nada", disse Maria.

Desenvolvimento, complicação

A mãe resolveu não insistir. Deixou Maria deitada na cama, abraçada com o seu Snoopy, emburrada. Quando o pai de Maria chegou em casa do trabalho, a mãe de Maria avisou:

— “Melhor nem falar com ela...”

Maria estava com cara de poucos amigos. Pior, estava com cara de amigo nenhum.

Na mesa do jantar, Maria de repente falou:

— “Eu não valho nada.”

(...)

— “Maria, disse o pai, você sabe por que um diamante vale tanto dinheiro?”

— “Porque é bonito.”

— “Porque é raro. Um pedaço de

Desenvolvimento, complicação

vidro também é bonito. Mas o vidro se encontra em toda parte. Um diamante é difícil de encontrar. Quanto mais rara é uma coisa, mais ela vale. Você sabe por que o ouro vale tanto?"

— "Por quê?"

— "Porque tem pouquíssimo ouro no mundo. Se o ouro fosse como areia, a gente ia caminhar no ouro, ia rolar no ouro, depois ia chegar em casa e lavar o ouro do corpo para não ficar suja.

(...)

Clímax

— "É..."

— "Você já se deu conta que em todo mundo só existe uma você?"

—" Mas, pai..."

— "Só uma. Você é uma raridade. Podem existir outras parecidas. Mas

você, você mesmo, só existe uma. Se algum dia aparecer outra você na sua frente, você pode dizer: é falsa."

— "Então, eu sou a coisa mais valiosa do mundo."

— "Olha, você deve estar valendo aí uns três trilhões..."

Clímax

Naquela noite, a mãe de Maria passou perto do quarto dela e ouviu Maria falando com o Snoopy:

— "Sabe um diamante?"

Desfecho

O texto acima é uma narrativa de ficção, um relato sobre uma menina que chegou da escola aborrecida, por entender que existem muitas pessoas iguais a ela. O universo da ficção nos apresenta uma realidade que não é verdadeira, pois não há comprovação de que os fatos narrados tenham realmente acontecido.

É possível, entretanto, que eles tenham acontecido (ou possam vir a acontecer). Por isso nós, leitores, aceitamos essa realidade ficcional como real, verdadeira. O conjunto de elementos que constrói a narrativa é organizado para simular, fingir uma história que reflita uma dada realidade. Sem dúvida, é uma história que poderia existir.

Em *O Diamante*, há três personagens e um narrador. Maria é a personagem principal, a protagonista. A mãe e o pai de Maria são personagens importantes no desenrolar da trama, mas não têm uma função tão destacada. Assim, são personagens secundários. Todo o enredo gira em torno de Maria e as incertezas que assolam seus pensamentos. Talvez possamos afirmar que o antagonista do conto sejam as dúvidas existenciais de nossa heroína.

O narrador conduz os leitores pelas trilhas da narrativa. Ele nos conta sobre:

1. o tempo em que ocorre a narrativa: “Um dia, Maria chegou em casa”; “Quando o pai de Maria chegou em casa”; “ Na mesa do jantar, Maria”;

2. o espaço em que a narrativa ocorre: “Maria chegou em casa da escola”; “Foi direto para o seu quarto”;

3. os sentimentos mais íntimos de nossa protagonista: “Maria estava com cara de poucos amigos. Pior, estava com cara de amigo nenhum”; “Mas Maria não se convenceu”;

4. o diálogo que ocorre entre mãe e filha, quando a menina chega da escola: “A mãe de Maria foi ver se Maria estava com febre. Não estava. Perguntou se Maria estava sentindo alguma coisa”;

5. a fala do pai à mesa de jantar com a filha e a esposa: “O pai de Maria disse”;

6. o desfecho da narrativa, que é surpreendente e demonstra o ponto alto do texto, o clímax, ao evidenciar o efetivo convencimento da menina: “Naquela noite, a mãe de Maria passou perto do quarto dela e ouviu Maria” ...

O narrador está na terceira pessoa e fora dos acontecimentos da história. Ele paira acima de tudo e de todos, o que lhe permite

saber do passado e do futuro, das emoções e dos pensamentos dos personagens.

Esse narrador onisciente (que sabe de tudo) vê o que ninguém tem condições de ver – o mundo interior dos personagens – e sabe qual será a repercussão de cada ato. A maior prova disso está na descrição do ato da protagonista de se agarrar ao seu bicho de pelúcia: "Foi direto para o seu quarto, pegou **o seu Snoopy** e se atirou na cama". Esse ato, que a princípio poderia ser descartado da narrativa, assume uma função importante no desfecho, quando Maria conversa com o bicho de pelúcia, demonstrando o pleno entendimento do que é ser única e valiosa no mundo. É essa manutenção do clímax que caracteriza o conto, que faz o desfecho manter o leitor atento e surpreso com o fim da história.

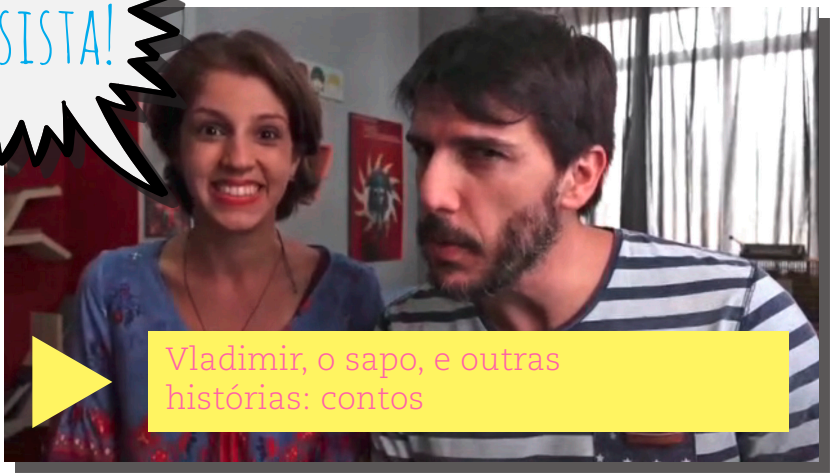
Por fim, podemos observar no exemplo a existência dos demais elementos narrativos, todos de forma reduzida. O espaço é a casa. O tempo vai da chegada da escola e do trabalho até a hora do jantar. Poucos personagens, em uma narrativa curta, com um só foco: o questionamento existencial da protagonista Maria.

Logo, o conto é uma narrativa breve. Cabe ao contista saber reconhecer os melhores momentos do que quer narrar e selecioná-los como deseja.

DIZ AÍ, DEÍCO!

Existem diferentes tipos de contos, todos com as mesmas características gerais, mas cada um com suas particularidades. Alguns deles são: conto de fadas, conto fantástico, conto folclórico, conto policial, conto popular...

ASSISTA!



Vladimir, o sapo, e outras histórias: contos

Referências Bibliográficas

FILHO, Domício Proença. *A Linguagem Literária*. São Paulo, Ed. Ática, 1986.

GOMES, Celuta Moreira. *O Conto Brasileiro e Sua Crítica*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1977.

GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do Conto*. São Paulo, Ed. Ática, 1985.

Você conhece o bonde de Santa Teresa, meio de transporte característico do século XIX que sobrevive apenas nesse bairro da região central do Rio de Janeiro? Antes dos ônibus, dos trens, do metrô e dos VLTs, o bonde era o principal meio de transporte da cidade. Hoje, circula de forma mais restrita nos trilhos e nas ladeiras de Santa Teresa.

Mas, como saber que um transporte que atualmente existe em apenas um bairro já conectou o Rio há décadas? Como ter conhecimento do que aconteceu em nossa cidade, em nosso país e no mundo em séculos anteriores, quando nem sonhávamos existir?

Aí está a importância do texto escrito, do registro da palavra e da imagem, da literatu-

ra. A palavra registrada permite perpetuar a cultura e a nossa identidade. Dentro da diversidade de textos com a qual nos deparamos, há um gênero específico cuja finalidade é registrar o circunstancial, o cotidiano, o prosaico, o nosso dia a dia: a crônica.

Para que você possa entender melhor o que é esse registro do cotidiano, apresentamos uma crônica escrita por Machado de Assis, publicada, originalmente, no jornal *Gazeta de Notícias*, em 04 de julho de 1883.

4 DE JULHO

Machado de Assis

Ocorreu-me compor umas certas regras para uso dos que frequentam bonds. O desenvolvimento que tem sido entre nós esse meio de locomoção, essencialmente democrático, exige que ele não seja deixado ao puro capricho dos passageiros. Não posso dar aqui mais do que alguns extratos do meu trabalho;

FALA DO NARRADOR, ORIENTANDO OS LEITORES PARA O QUE VIRÁ

basta saber que tem nada menos de setenta artigos. Vão apenas dez.

AQUELE QUE TEM CATARRO

ART. I — Dos encatarroados

Os encatarroados podem entrar nos bonds com a condição de não tossirem mais de três vezes dentro de uma hora, e no caso de pigarro, quatro.

Quando a tosse for tão teimosa, que não permita esta limitação, os encatarroados têm dois alvitres: — ou irem a pé, que é bom exercício, ou meterem-se na cama. Também podem ir tossir para o diabo que os carregue.

Os encatarroados que estiverem nas extremidades dos bancos, devem escarrar para o lado da rua, em vez de o fazerem no próprio bond, salvo caso de aposta, preceito religioso ou maçônico, vocação, etc., etc.

NEM SEMPRE AS PESSOAS SENTAM DIREITO NO BANCO. AINDA HOJE!

ART II — Da posição das pernas

As pernas devem trazer-se de modo que não constranjam os passageiros do mes-

mo banco. Não se proíbem formalmente as pernas abertas, mas com a condição de pagar os outros lugares, e fazê-los ocupar por meninas pobres ou viúvas desvalidas, mediante uma pequena gratificação.

ART. III — Da leitura dos jornais

Cada vez que um passageiro abrir a folha que estiver lendo, terá o cuidado de não roçar as ventas dos vizinhos, nem levar-lhes os chapéus. Também não é bonito encostá-los no passageiro da frente.

HÁBITO MUITO COMUM NA ÉPOCA. LEITURA DO JORNAL NO MEIO DE TRANSPORTE.

ART. IV — Dos quebra-queixos

É permitido o uso dos quebra-queixos em duas circunstâncias: — a primeira, quando não for ninguém no bond, e a segunda, ao descer.

CHARUTO DE PÉSSIMA QUALIDADE

ART. V — Dos amoladores

Toda a pessoa que sentir necessidade de contar os seus negócios íntimos, sem interesse para ninguém, deve primeiro indagar do passageiro escolhido para uma tal confidência se ele é assaz cristão e resignado. No caso afirmativo, perguntar-se-lhe-á se prefere a narração ou uma descarga de pontapés. Sendo provável que ele prefira os pontapés, a pessoa deve imediatamente pespegá-los. No caso aliás extraordinário, e quase absurdo, de que o passageiro prefira a narração, o proponente deve fazê-lo minuciosamente, carregando muito nas circunstancias mais triviais, repetindo os ditos, pisando e repisando as coisas, de modo que o paciente jure aos seus deuses não cair em outra.

ART. VI — Dos perdigotos

GOTAS DE SALIVA

Reserva-se o banco da frente para a emissão dos perdigotos, salvo nas ocasiões em que a chuva obriga a mudar a posição do banco. Também podem emitir-se na plataforma de trás, indo o passageiro ao pé do condutor, e a cara para a rua.

ART. VII — Das conversas

Quando duas pessoas, sentadas a distância, quiserem dizer alguma coisa em voz alta, terão cuidado de não gastar mais de quinze ou vinte palavras, e, em todo caso, sem alusões maliciosas, principalmente se houver senhoras.

ART. VIII — Das pessoas com morrinha

As pessoas que tiverem morrinha podem participar dos bonds indiretamente: ficando na calçada e vendo-os passar de um lado para outro. Será melhor que morem em rua por onde eles passem, porque então podem vê-los mesmo da janela.

CHEIRO DESAGRADÁVEL

ART. IX — Da passagem às senhoras

Quando alguma senhora entrar, o passageiro da ponta deve levantar-se e dar passagem, não só

VEJA A PREOCUPAÇÃO COM O OUTRO, COM AS SENHORAS. TÃO DIFERENTE DOS DIAS DE HOJE!

porque é incômodo para ele ficar sentado, apertando as pernas, como porque é uma grande má-criação.

ART.X — Do pagamento

Quando o passageiro estiver ao pé de um conhecido, e, ao vir o condutor receber as passagens, notar que o conhecido procura o dinheiro com certa vagareza ou dificuldade, deve imediatamente pagar por ele: é evidente que, se ele quisesse pagar, teria tirado o dinheiro mais depressa.

A partir da leitura dessa crônica, você, que não viveu no final do século XIX nem nunca andou de bonde, consegue imaginar o que acontecia nesse meio de transporte da época? Consegue estabelecer alguma relação com o comportamento das pessoas nos ônibus, nos trens e no metrô de hoje? Acredito que sim. Pode não ser exatamente igual, mas há muitas semelhanças.

A crônica é um relato de um acontecimento específico em um determinado período. Na crônica de Machado de Assis, há

“um retrato narrado” do cotidiano dos usuários de bonde. Usando bom humor, o cronista faz com que se veja de uma forma diferente aquilo que parece óbvio demais para ser observado. O narrador anuncia o que pretende, mostra-nos a importância do bonde como meio de transporte e apresenta um “código de conduta” (de comportamento) para o usuário do bonde.

O texto apresenta, com humor, dez situações incômodas vividas nos bondes, cada uma delas seguida de uma análise e uma possível “solução”. O personagem é bem genérico, talvez coletivo: o usuário do bonde. Os comportamentos apresentados obedecem a uma ordem cronológica, da entrada no transporte até o pagamento da viagem.

Após a leitura, podemos entender que havia comportamentos muito diferentes entre os passageiros, alguns dos quais atrapalhavam o bom convívio no transporte. São informações que podemos concluir a partir do texto, possibilitando-nos visualizar costumes da época.

Por isso, o texto é uma crônica. Porque o autor dá mais concretude aos fatos

vivenciados, aos quais, muitas vezes, nem damos atenção, para fazer com que o leitor reflita sobre o comportamento do ser humano diante de situações da vida. Tal atitude faz com que o fato narrado se torne permanente e não caia no esquecimento.

Muitos blogs e vlogs, nos quais os autores contam fatos de suas vidas e expõem seus pontos de vista, têm semelhanças com as crônicas.

Origens e características

A palavra crônica tem origem na Grécia Antiga, vem de *khrónos*, que significa "tempo". Naquela época, só se escrevia à mão e os textos se propunham a fazer o registro dos acontecimentos históricos, na ordem em que ocorriam, sem a intenção, a princípio, de fazer uma interpretação dos fatos.

Pero Vaz de Caminha, o escrivão da frota de Cabral, o descobridor do Brasil, é considerado o primeiro cronista do país. Caminha enviou carta ao rei de Portugal D. Manuel, contando sobre a terra

descoberta e seus habitantes. Muitos estudiosos consideram essa carta o início da literatura brasileira, por julgá-la um relato fiel do cotidiano vivido pelos navegadores.

No entanto, somente no fim do século XIX a crônica se consolidou no Brasil como gênero textual. Justamente o período de publicação desse texto de Machado que apresentamos a você. Naquela época, havia uma expansão do número de jornais em circulação no país e os escritores importantes de então, tais como Machado de Assis e José de Alencar, por intermédio das crônicas, registravam os fatos do cotidiano.

DIZ AÍ, DEÍCO!

A origem da crônica como gênero é o jornal. É um texto leve, despretensioso e informal que procura estabelecer uma intimidade com o leitor, como uma conversa entre pessoas conhecidas. Revela detalhes do cotidiano que podem passar despercebidos.

A crônica convida o leitor a refletir, de modo sutil, sobre as situações do dia a dia, vistas pelo cronista com olhar atento. Esse olhar pode ter um viés de humor, ironia, seriedade, poesia ou crítica. Por serem, geralmente, publicadas em jornais e revistas, são mais leves, pois costumam ser lidas apenas uma vez.

As crônicas jornalísticas apresentam temas mais restritos e, consequentemente, são menores. Elas podem, por exemplo, tratar do clássico de futebol jogado no Maracanã no último domingo. Já as crônicas literárias costumam ter um tamanho maior, em que o autor expõe seu estilo e explora com mais profundidade o tema abordado.

DICA DA RUIVA

Uma crônica pode contar uma história, defender um ponto de vista, ter humor, ter lirismo. Mas sempre trata do cotidiano, de um acontecimento recente ou de uma notícia de jornal.

Além dessas características, ainda é preciso registrar que a crônica é um texto de base narrativa e, por isso, apresenta uma sequência de ações que constituem o enredo. Há presença de tempo, espaço e personagens. O narrador pode ser em primeira pessoa, participando da história, ou em terceira pessoa, sabendo de tudo o que acontece, conhecendo os fatos e os sentimentos dos personagens.

A crônica se caracteriza como uma narrativa curta. É o relato de um flash de vida, de um breve momento do cotidiano de uma ou mais personagens. O desfecho pode ficar para o leitor imaginar. Uma das finalidades da crônica é justamente apresentar o fato nu, seco e rápido, mas não concluí-lo. Dessa forma, o narrador é, também, chamado de narrador-repórter.

Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antonio. *A Crônica: o Gênero, Sua Fixação e Suas Transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp/Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

NOGUEIRA, Armando. *Os Melhores da Crônica Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio,1977.

SÁ, Jorge de A. *Crônica*. São Paulo: Ática, Série princípios, 1985.

ROMANCE

UM PRODUTO DA IMAGINAÇÃO

Narrar histórias faz parte da natureza humana. E o material com o qual a narração trabalha é o fato, ou seja, qualquer acontecimento em que, direta ou indiretamente, haja pelo menos um participante que possa relatá-lo.

Há várias formas de narrar os fatos: a crônica, o conto, a história em quadrinhos, a conversa oral e tantas outras. Entre todos os gêneros narrativos, o romance é, em geral, o mais longo, o que apresenta mais personagens e o que se passa em uma maior variedade de espaços e tempos. O romance é uma narrativa redimensionada.

Esse gênero é conhecido como a “epopeia burguesa moderna”, pois se firmou logo depois da expansão da industrialização, no século XIX, momento em que a classe

burguesa crescia e a epopeia (gênero narrativo em verso, o qual conta ações heroicas) caía em desuso. Com isso, o romance se popularizou, substituindo-a.

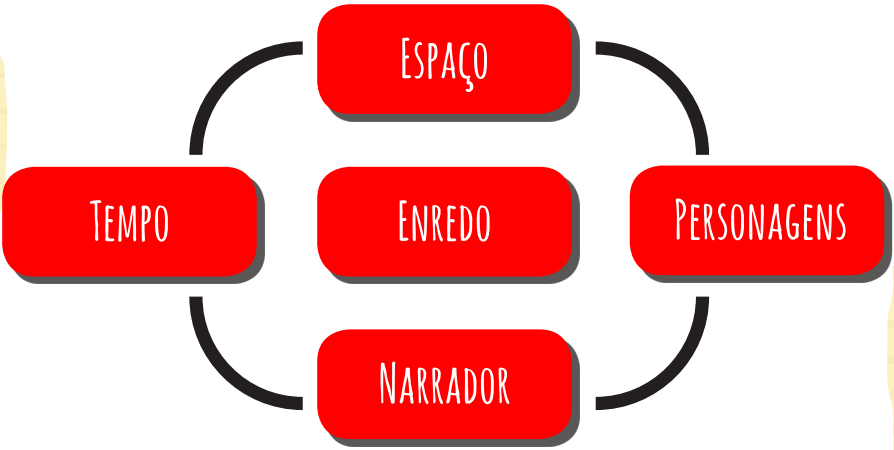
Algumas vezes, a palavra romance cria confusões. É preciso lembrar que ela é polissêmica, ou seja, tem vários significados, entre eles o de relação amorosa. Porém, o gênero narrativo romance não trata somente de histórias de amor.

DICA DA RUIVA

Para alguns estudiosos, o primeiro romance escrito foi *Dom Quixote de La Mancha*, do espanhol Miguel de Cervantes, publicado em 1605. Tornou-se um clássico que nos faz pensar sobre a natureza humana, os sonhos e as utopias. Vale a pena ler!

Ele é caracterizado como uma narrativa longa, geralmente dividida em capítulos. Possui personagens variados em torno dos quais acontece a história principal. Por ser um texto longo, também ocorrem histórias paralelas.

A narrativa se dá em espaços e tempos variados, o que diferencia o romance de um conto. Além disso, apresenta uma estrutura complexa que permite análises, detalhes e pormenores, a fim de construir um universo narrativo coerente e organizado. Por isso, costuma ser mais longo que outros gêneros narrativos ficcionais, como a novela e o conto. Mas, da mesma forma que eles, está sedimentada em cinco partes essenciais:



A seguir, vamos definir as partes que compõem um romance. Aproveite e tente identificá-las em algum livro desse gênero que você tenha lido recentemente.

DIZ AÍ, DEÍCO!

Caso não tenha lido nenhuma narrativa longa nos últimos tempos, sugiro alguns livros que você vai gostar: ***Capitães da Areia***, de Jorge Amado; ***Cinco Minutos***, de José de Alencar; ***Encontro Marcado***, de Fernando Sabino, entre tantos outros da nossa literatura.

Enredo

É a linha de ação da obra ficcional, o conjunto de conflitos e de peripécias que impulsionam as ações dos personagens. Está presente em toda narrativa. Todos os outros elementos estão diretamente ligados ao en-

redo. Nas narrativas mais convencionais, as ações são lineares. Já nas modernas, é comum haver uma fragmentação das ações.

Há uma sequência de fatos e de ações que compõem o enredo de um romance. Em geral, a narrativa se organiza da seguinte forma:

- apresentação (estado inicial): o leitor tem acesso aos primeiros dados do mundo narrado, tais como os personagens e suas características, o espaço das ações e as referências temporais;

- complicação: é o momento de ruptura do equilíbrio do estado inicial, quando surgem os conflitos e ocorrem transformações, e o leitor é conduzido ao ponto de tensão (clímax) da narrativa;

- clímax: representa o ponto máximo de tensão. Apresenta-se uma situação na qual algo grandioso, de ascendência sobre os fatos narrados, deve acontecer. É o ponto de partida para o desfecho. Há romances que não possuem clímax;

- desfecho ou epílogo: Situação final. É quando o equilíbrio da narrativa se restabelece. Isso nem sempre corresponde

a um final feliz e pode romper com as expectativas do leitor. Por isso, o romance não pode ser caracterizado como uma narrativa de final feliz.

Personagens

São seres fictícios que assumem diferentes funções na narrativa. Há distintas classificações, que atendem as seguintes perspectivas:

- quanto à importância ou papel desempenhado: diz respeito às relações entre os personagens no enredo, na trama narrativa.

  protagonista – personagem principal, sobre o qual giram as ações mais importantes.

  antagonista – oponente, rival do protagonista.

  coadjuvante – tem função secundária, ou seja, surge ao redor do protagonista ou do antagonista, e sua ação normalmente se mantém a mesma no decorrer da narrativa.

- quanto à evolução: são as transformações que o personagem pode ou não sofrer, ao longo da história.

  estático ou plano – seu caráter não se altera. Possui conduta previsível.

  dinâmico ou esférico – sofre transformações visíveis no curso das ações. Tem comportamento complexo e pouco previsível. Por exemplo, não apenas vive; reflete. Está envolvido numa série de questões.

- quanto à composição: refere-se ao papel que o personagem representa na sociedade.

  personagem-tipo – figura comum, que cumpre um papel social definido. Por exemplo, o mordomo.

  personagem-indivíduo – apresenta traços singulares, que fogem a qualquer estereótipo.

Para identificar o tipo de personagem, cabe ao leitor analisar suas características e sua função na trama.

Tempo

O mundo ficcional é composto de marcas temporais, tais como datas, meses do ano etc. A sequência temporal pode ser dos seguintes tipos:

- cronológica – tem a ordenação natural dos fatos, com início, meio e fim. Também pode ser chamada de linear;
- psicológica – o relato segue conforme as impressões do narrador, repleto de digressões e *flash-backs*. Inclui o monólogo interior do personagem (fluxo de consciência).

A narrativa é prolongada pela vivência mental experimentada pelos personagens. Isso é possível porque narrar é progredir no tempo, só que isso é variável. Podemos dilatar ou compactar o tempo na narrativa.

Espaço

As ações podem se situar em distintos planos espaciais, a saber:

- espaço físico – locais urbanos ou rurais, por exemplo;

- espaço psicológico – explora os conflitos internos do personagem, cujas inquietações se estendem ao longo da história;

- espaço social – diz respeito às relações sociais existentes entre os personagens. Por exemplo, no mesmo ambiente físico, há relações sociais diferentes.

Narrador

É a voz que narra. É uma "entidade" ficcional, uma criação da narrativa, ou seja, existe sem o autor. É diferente do autor, mesmo na autobiografia. Pode ser:

- narrador-personagem – está dentro da história, por isso, seu conhecimento do mundo é sempre parcial. O foco narrativo é na primeira pessoa;

- narrador-observador – seu conhecimento sobre o mundo que apresenta pode ser completo, no caso do narrador onisciente, ou parcial. Sua participação pode ser neutra ou participativa. O foco narrativo está na terceira pessoa.

E aí, conseguiu identificar esses elementos em algum livro lido há pouco tempo? Para auxiliar nessa tarefa e no entendimento dos componentes de um romance, vamos apresentar um resumo de *Cinco Minutos*, de José de Alencar, célebre escritor brasileiro. Trata-se de uma história de amor passada no Rio de Janeiro do século XIX.

A trama é uma retrospectiva da vida amorosa de Lúcio, o protagonista, toda relatada em uma carta escrita para sua prima. Durante o relato, ele constata que, por causa de um atraso de cinco minutos, conheceu a mulher de sua vida!

A história começa no Rio de Janeiro, quando o narrador-personagem perde o ônibus e é obrigado a pegar o próximo. Ao embarcar, Lúcio não encontra lugares disponíveis. Porém, uma moça encolhe-se um pouco para lhe dar lugar. Ele tenta ver o rosto da mulher, mas um véu cobre sua face. Instantes depois, o braço macio dela encosta no seu braço, juntamente com sua mão delicada. Esse simples toque faz com que se apaixone de

uma maneira irreversível. No entanto, ela logo desce do ônibus. A partir de então, Lúcio faz de tudo para encontrar a misteriosa mulher novamente.

Depois de um mês tentando descobrir a identidade da moça, ele a encontra numa ópera e declara seu amor. Ela foge, deixando um lenço cheio de lágrimas. Após outros desencontros, a mulher revela, por carta, que o observava nos bailes e o amava há tempos, mas que não podiam ficar juntos, pois tinha uma doença incurável. Carlota, a amada, pede para que Lúcio a esqueça. O protagonista se entristece com a notícia e esquecê-la se torna difícil, pois está apaixonado.

Carlota lhe informa que fará uma viagem para a Europa para prolongar seus dias de vida. Ele, um homem muito rico, decide também viajar e ir a seu encontro. Ao achá-la, começam a viver um amor puro à espera de sua morte.

Em uma tarde, Carlota já está bem fraca, sem forças nem mesmo para sorrir. Lúcio sente a respiração de sua amada parar e a mão gelar. Ele a abraça, encosta seus lábios nos dela e lhe dá um beijo. Nesse momento, como que por um milagre, Carlota ergue a cabeça com um ar de felicidade. Dias depois, recupera a saúde e a força.

Eles se casam e viajam durante um ano inteiro, vivendo de seu intenso e puro amor. Depois, resolvem morar em uma casa fixa, onde levam uma vida normal e apaixonada.

Com essas informações, fica mais fácil identificar o enredo, o narrador, os personagens, os espaços e os tempos do romance, não é mesmo? Mais fácil ainda se você ler o livro!

A leitura tem que empolgar o leitor, seja pelo estilo ou pelas reflexões que provoca. O importante é que sempre haja livros próximos a você. A leitura, com certeza, será muito boa.

Referências Bibliográficas

ALENCAR, José. *Cinco Minutos*. Domínio Público. Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro.

RONCARI, Luiz. *Literatura Brasileira: dos Primeiros Cronistas aos Últimos Românticos*. São Paulo: Edusp, 2002.

SARAIVA, A.J.; LOPES, O. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2000.

UMA BRINCADEIRA MUITO SÉRIA

Neste capítulo, vamos falar sobre um texto que mistura a linguagem verbal e a não verbal, que pode parecer, a princípio, não tão sério, mas cuja leitura leva a pensar sobre temas muito importantes: as histórias em quadrinhos.

Provavelmente você já leu alguma história em quadrinhos, divertindo-se muito com os personagens e suas ações. No início, essas HQs eram publicadas em jornais. Ganharam, ao longo do tempo, outros suportes, como revistas e internet, graças à atenção de editores que reconheceram o potencial comunicativo presente na mistura dos aspectos verbal e não verbal, além, é claro, do interesse pelo mundo da imagem.

Uma característica muito importante das HQs é proporcionar uma leitura que exige a relação entre as informações explícitas do texto verbal e as informações implícitas do texto não verbal. Sem essa relação, fica muito difícil para o leitor entender plenamente a mensagem. Logo, a HQ não é, como pode parecer, um texto fácil, um texto de "brincadeira".

Se, num primeiro momento, ela pode provocar descontração por meio do riso, em momentos seguintes, também pode levar o leitor a refletir sobre a intenção do produtor do texto, que se projeta no discurso dos personagens. É para esse viés que o olhar crítico de um leitor deve se voltar.

No mundo dos quadrinhos, as tirinhas merecem menção especial. Elas são formadas, em geral, por três a cinco quadros. Muitas delas surpreendem o leitor por meio de ironia, crítica e humor e provocam reflexões sobre nossos modos de agir. O quadrinista, tal como um cronista, transforma fatos do cotidiano em imagens que revelam facetas e façanhas do ser humano.

Vamos ver um exemplo.

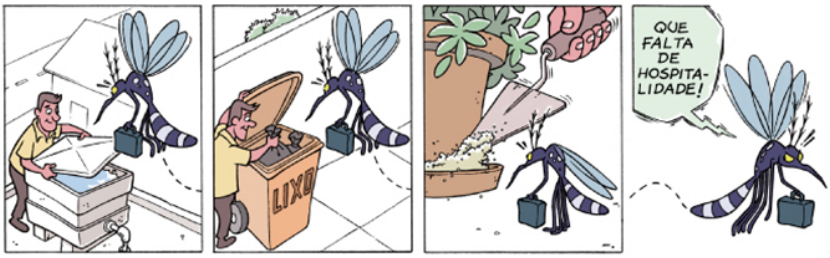
Roteiro: Luis Eduardo Ricon | Arte: Eduardo Duval

Logo no primeiro quadrinho, podemos deduzir que os dois personagens já se conhecem, pois um deles sabe que o colega já trocou de celular várias vezes no ano. Além disso, a imagem (o texto não verbal) mostra que os dois vestem o uniforme das escolas municipais, informando que provavelmente estudam juntos.

As informações visuais são muito importantes nos quadrinhos. Repare na expressão confiante, orgulhosa, do dono do celular. O telefone, aliás, também pode ser considerado um personagem nessa tirinha. O terceiro quadro é dedicado apenas ao aparelho. O clímax também é expresso por meio da fisionomia dos garotos, no último quadrinho. Um deles sem jeito, embaraçado, e o outro com um pequeno riso de desdém.

Veja a riqueza de detalhes que precisam ser entendidos, para, de fato, compreendermos a história.

Vamos a outro exemplo:



Roteiro: Frata Soares. Arte: Eduardo Duval

O leitor consegue entender o contexto e a mensagem muito mais pelos elementos não verbais do que pelos verbais. Sem nenhuma fala, podemos compreender, pela caracterização do mosquito e pelos locais que ele gostaria de se instalar, que se trata do *Aedes aegypti*.

DICA DA RUIVA

Para saber mais sobre as HQs, consulte o livro ***Quadrinhos Guia Prático***, feito pela MultiRio. Ele está disponível na Sala de Leitura de sua escola e também no Portal MultiRio

Os recursos fundamentais para a construção das HQs

Para realizar uma leitura crítica dos quadrinhos, é fundamental prestarmos atenção em seus componentes. Vamos conhecer alguns deles:

Quadrinho ou vinheta

O quadrinho é a unidade básica da arte quadrinista, delimitada por um signo de contorno. Geralmente, uma linha de traçado contínuo denominada mais comumente de moldura do quadrinho. Essa moldura, na maioria dos exemplos, demarca a figura geométrica de um retângulo, representado em perspectivas diferentes, no eixo horizontal e também no eixo vertical, conforme o exemplo abaixo.

Roteiro: Luis Eduardo Ricon | Arte: Eduardo Duval e Vitor Vanes

Ausência de moldura

Nas HQs predomina a moldura. Entretanto, sua presença não é obrigatória. Alguns estudiosos dizem que o contorno dos quadrinhos não pode ser uma gaiola de onde não se pode escapar. Por isso, há quadros com ausência de moldura.

Essa ausência pode ser por razões práticas ou artísticas. Veja o último quadro da tirinha acima, por exemplo. A falta da moldura ali serve tanto para dar um "respiro" visual, quebrar o ritmo, quanto para associar o livro, a leitura e a literatura a uma ideia de liberdade.

Formas alternativas de moldura

O quadrinista pode dar às molduras uma geometria diferente do costumeiro retângulo, seja por motivos estéticos, seja para reforçar a mensagem, como no exemplo a seguir. O traçado das molduras é livre e elas estão organizadas em um grande círculo, enfatizando os conceitos de reutilizar e de reciclar.

O balão

Nas HQs, predomina a modalidade oral da língua de discurso. Isso significa que predomina o discurso direto. Ou seja, os personagens é que falam. As falas são apresentadas em balões, que possuem um apêndice em forma de flecha, também chamado de rabicho, voltado para a boca do personagem que está falando.

A partir desse tipo padrão de balão, muitos outros foram surgindo para designar situações específicas, como pensamentos, sonhos, gritos e tantas outras manifestações.

A linguagem não verbal é muito importante nas HQs. Além da moldura e dos balões, há diferentes símbolos que marcam os movimentos e as emoções dos personagens. Gotinhas, coraçõezinhos e raios são alguns exemplos.

A onomatopeia: entre a linguagem verbal e a não verbal

Um recurso muito importante nas HQs é a onomatopeia. Trata-se de uma figura de linguagem que procura reproduzir na escrita um determinado som. Os teóricos afirmam que a onomatopeia se situa entre o verbal e o não verbal por, justamente, ser um registro de aproximação de sons.

A narrativa

Por se caracterizar como uma sequência narrativa, as HQs têm as características de um texto narrativo: personagens, marcação do tempo, espaço. Em algumas delas também há a presença de um narrador, cuja fala, geralmente, fica no canto superior do quadro, dentro de retângulos, não balões, como no caso abaixo.

Roteiro: Luiz Eduardo Ricon / Arte: Vitor Vanes

Personagens

Por ser uma narrativa, os quadrinhos também contam com personagens-tipo, aqueles de quem se espera sempre o mesmo comportamento, tal como as bruxas, as fadas e os mordomos. Um deles merece menção especial: o herói. E também seus derivados, o super-herói e o anti-herói.

O herói é o protagonista da história. Ele não tem poderes, mas vive as situações e as peripécias. O super-herói, muito comum nas HQs, tem sempre superpoderes, como é o caso do Super-Homem, que luta para defender os mais fracos e sempre vence ao final.

Já o anti-herói quebra as expectativas porque não é perfeito, às vezes não tem superpoderes, mas acaba vencendo. Repare que o anti-herói é diferente do vilão. Ele luta por coisas positivas, embora nem sempre utilize as estratégias mais convencionais.

DIZ AÍ, DEÍCO!

Leia muitas HQs e analise todos os elementos que compõem os quadrinhos. Você se tornará um leitor competente, além de se divertir muito.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Alexandre. *Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 2008.

CIRNE, Moacy. *A Explosão Criativa dos Quadrinhos*. Petrópolis: Vozes, 1970.

Você é contra ou a favor que o Brasil receba imigrantes? O que pensa a respeito das desigualdades de gênero em nossa sociedade? É favorável à lei de cotas de acesso à universidade? Qual o seu ponto de vista sobre a lei seca? Ela é efetiva? O ser humano é, realmente, responsável pelas mudanças climáticas em nosso planeta?

Essas e tantas outras questões surgem constantemente em nossa sociedade. Pensar nelas é refletir sobre fatos socialmente relevantes, polêmicos, que afetam, direta ou indiretamente, a vida de todos os cidadãos. As respostas a essas perguntas podem influenciar os rumos políticos de um determinado espaço e ampliar as discussões.

A troca de ideias e o debate sobre algum tema, em geral, acontecem sob a forma da argumentação. Argumentar é apresentar um conjunto de razões ou provas que fundamentam uma conclusão, a fim de fazer com que prevaleça a tese defendida. Ou seja, os argumentos se constituem em formas de sustentação de determinados pontos de vista.

DIZ AÍ, DEÍCO!

Há quem diga que argumentar é desagradável, tem a ver com disputa e teimosia. Logo, que a argumentação é inútil. Pelo contrário! Quando feita de forma saudável e educada, ela contribui para o entendimento mútuo e possibilita acordos e crescimento intelectual.

Assim, a argumentação está mais para a razão do que para a emoção. Não se deve ganhar uma discussão no “grito” ou no

“choro”. A condição básica para um bom debate é o conhecimento do assunto a ser discutido. O passo seguinte é a organização das informações disponíveis para a construção da defesa de uma ideia inicial.

A dissertação argumentativa é o tipo de texto propício à reflexão, à exposição e à troca de ideias. Sua linguagem é mais denotativa e objetiva, embora ainda mantenha alguma subjetividade, pois os argumentos são opiniões pessoais do autor. Deve ser desenvolvida da maneira mais clara possível, combinando palavras certas e frases bem encadeadas com o propósito de persuadir o seu interlocutor.

Se aprendemos a narrar histórias desde cedo, também, ainda crianças, aprendemos a argumentar. Quantas vezes não tentamos convencer nossos pais a fazer ou a nos deixar fazer algo que queríamos? A argumentação é um meio de aprendizagem, pesquisa e investigação.

Todo texto, independentemente de seu gênero, apresenta, basicamente, três partes: a introdução, o desenvolvimento e a conclusão. Nas dissertações

argumentativas, essas partes devem conter os seguintes aspectos textuais:

a) Introdução

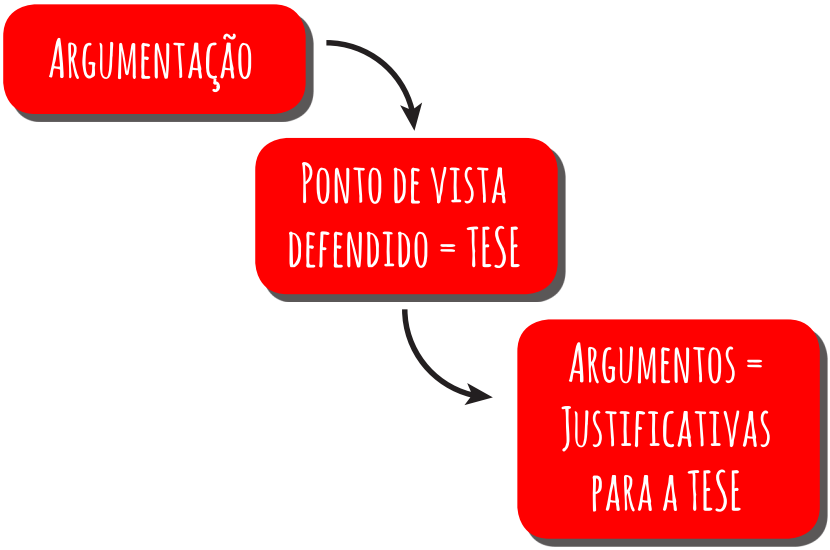
Mostra por que o tema merece atenção por parte do leitor. Para isso, é importante contextualizá-lo e apresentar a tese, ou seja, a posição que será defendida. Não precisa ser no primeiro parágrafo, mas um bom início faz com que o leitor queira ir ate o final.

b) Desenvolvimento

É da natureza do texto dissertativo a persuasão, ou seja, fazer com que seu interlocutor adote e passe a defender a tese apresentada. Por isso, o desenvolvimento contém, em geral, uma sequência de raciocínios que pretende, gradativamente, convencer o leitor.

Qualquer pessoa tem opiniões sobre diversos temas. No entanto, nem sempre possui boas justificativas para sustentar essas opiniões. É muito comum alguém apresentar um ponto de vista e uma sequência de afirmações elaboradas a partir desse ponto de vista que não contribuem para a avaliação da tese.

Bons argumentos são aqueles que levam à tese, não os que partem dela. Podemos, portanto, afirmar que o movimento textual de uma dissertação apresenta a seguinte estrutura:



Um elemento deve alimentar o outro e todos os elementos essenciais ao texto contribuem para a construção da persuasão, ou seja, para o propósito de fazer o leitor aderir à sua tese.

c) Conclusão

Se a introdução apresenta a ideia geral e o desenvolvimento, os argumentos para

convencer o leitor, a conclusão sintetiza o que foi dito, dando uma possível resposta à tese, que deve estar totalmente sintonizada com o restante do texto.

DICA DA RUIVA

Uma boa conclusão fecha o raciocínio do autor e, ao mesmo tempo, abre novas possibilidades de ideias para o leitor.

As estratégias de argumentação

Existem diferentes maneiras de construir e expor um argumento. São as estratégias ou procedimentos argumentativos, entre os quais estão: citação; argumento de autoridade ou testemunho autorizado; dados estatísticos; relações de causa e de consequência; exemplificação; ilustração; contra-argumentação; e alusão histórica.

Essas estratégias não precisam compor o texto argumentativo ao mesmo tempo. Devem, entretanto, embasar os argumentos apresentados para defender a tese.

A seguir, vamos analisar uma redação escrita pela estudante Helena Ferraz de Abreu Aldé, que retrata a atitude de duas amigas gaúchas que criaram a campanha Amor no Cabide. Cabides são espalhados pela cidade com o objetivo de que pessoas deixem roupas e agasalhos disponíveis para quem precisa. O tema da proposta de redação é: "Você considera projetos como o Amor no Cabide medidas efetivas ou paliativas para amenizar os problemas sociais no país?".

Mascarar não é a solução

Contextualização com alusão histórica

O Brasil é um dos países com maior desigualdade social do mundo. É uma situação complexa que nos acompanha desde a descoberta do

país, em 1500, pelos portugueses. Há projetos como "Amor no cabide" – que tem como objetivo espalhar cabides com roupas pela cidade para que os mais necessitados tenham o que vestir – que pretendem amenizar os problemas sociais, mas, na verdade, são apenas medidas paliativas que acabam mascarando o verdadeiro problema.

TESE / PONTO DE VISTA DEFENDIDO

O fato de grande parte da população brasileira não ter condições financeiras para comprar suas vestes é a consequência e não a causa do problema social. Para podermos criar medidas efetivas para algo, temos de conhecer sobre suas raízes. O Brasil foi um dos últimos países a acabar com a escravidão e teve dificuldades de inserir o negro na sociedade, após a abolição. A elite brasileira sempre esteve no comando – donos de terra, políticos, escravocratas- tendo a in-

VISÃO CRÍTICA – CAUSA E CONSEQUÊNCIA

dependência do Brasil sido realizada por ela. Se quisermos realmente solucionar o problema, não o faremos pendurando roupa pela cidade.

Reforça a tese

O governo, ao invés de tentar acabar com a desigualdade social, já tomou várias medidas para mascará-la. Após a libertação dos escravos, o negro teoricamente, teria o direito de participação política, mas na Constituição a lei dizia que, dentre outros, os analfabetos não teriam direito a voto. Isso foi uma maneira implícita de excluir os negros, afinal, logo após a abolição, eles não tinham ainda acesso à educação, e muitos não têm até hoje. Outra medida foi o processo de gentrificação, conceito veiculado na geografia, em que o Estado aumenta muito os impostos e os preços de uma determinada região, para que se torne mais nobre, geran-

Exemplificações

do uma favelização rápida e desorganizada, a exemplo do que acontece, principalmente, nas grandes cidades como o Rio de Janeiro.

A ação de doar roupas para os necessitados é ótima, porém muitos não conseguem entender que seria uma medida provisória até o problema ser resolvido; seria uma transição e não uma solução. O governo tem colocado os problemas sociais embaixo dos panos por muito tempo, o projeto "Amor no cabide" fará a mesma coisa, só que literalmente.

CONTRA-ARGUMENTAÇÃO

CONCLUSÃO COM RATIFICAÇÃO DA TESE

Por último, cabe dizer que, como falantes de uma língua, é muito importante pensar sobre o sentido da palavra persuasão. Falar em persuasão implica, de alguma forma, retomar uma certa tradição do discurso clássico, surgido na Grécia Antiga.

Não por acaso, foi lá que nasceu o conceito de democracia. A argumentação está estreitamente ligada a essa perspectiva. Por isso, aprender a argumentar é uma forma de cidadania.

Referências bibliográficas

BRETON, Philippe. *Argumentar em Situações Difíceis*. Barueri: Manole, 2005.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em Prosa Moderna*. 23.ed.Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003.

TOULMIN, Stephen. 1958(1ª. Ed.). *Os Usos da Argumentação*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

Antigas e novas formas de comunicação

Gêneros discursivos em jornais e revistas

Nos capítulos anteriores, vimos como é importante a interação verbal entre as pessoas. Vimos, também, que a comunicação se realiza por meio de diferentes gêneros e suportes. Agora, vamos falar sobre os gêneros discursivos presentes nos meios de comunicação mais populares: jornais, revistas e mídias digitais.

Jornais

O jornal, também conhecido como periódico ou gazeta, é um meio de comunicação impresso, geralmente um produto derivado do conjunto de atividades denominado

jornalismo. As características principais do jornal são o uso de papel de imprensa, a utilização de uma linguagem própria e a veiculação de notícias. Ou seja, ele é um meio de comunicação que atende a necessidade da população em grande escala.

Os jornais são compostos por textos de podem conter diferentes gêneros, utilizados para estabelecer uma relação com os leitores. A presença e a intensidade com a qual são utilizados dependem da linha editorial de cada publicação. Os principais gêneros são:

- gêneros informativos: nota, notícia, reportagem, entrevista, título e chamada;
- gêneros opinativos: editorial, comentário, artigo, resenha ou crítica, coluna, carta e crônica;
- gêneros utilitários ou prestadores de serviços: roteiro, obituário, indicadores, campanhas e educacional;
- gêneros ilustrativos ou visuais: gráficos, tabelas, quadros, demonstrativos, ilustrações, caricatura e fotografia;

- propaganda: comercial e institucional;
- entretenimento: passatempos, jogos, história em quadrinhos, folhetins, palavras cruzadas, contos e poesia, entre outros.

É importante prestar atenção em três características do texto jornalístico: a manchete, o título e o lead. A manchete são as notícias em destaque na primeira página, consideradas pelos editores como as de maior importância em uma edição.

Visualmente, elas contribuem para a estruturação dessa primeira página, tornando-a mais atraente. São estampadas, geralmente, na parte de cima ou no centro e destacadas por letras grandes. Também contribuem para que o leitor crítico possa criar uma imagem da identidade do jornal ou de sua linha de informação.

Os títulos, da primeira página e das páginas internas, têm a função de sintetizar o conteúdo de uma notícia em poucas palavras. Ao lê-los, o leitor já tem ideia do que trata o texto. Veja a primeira página da edição de 29 de novembro de 2016 do jornal *O Globo*.

O *lead* ou lide é o parágrafo inicial do texto jornalístico. É a primeira parte de uma notícia, que fornece ao leitor as informações básicas sobre o fato, para capturar seu interesse. Normalmente, responde a seis perguntas básicas: o quê? Quem? Quando? Onde? Por quê? Como?

Exemplo:

MultiRio
a mídia educativa da cidade

Professor SME-RJ cadastre-se e ganhe um kit Mul

Reportagens e Artigos | Reportagens

10 Novembro 2016

Primavera poética na E.M. Dr. Mário Augusto Teixeira de Freitas

Por Fernanda Fernandes

LEAD

Pelo terceiro ano consecutivo, a E.M. Dr. Mario Augusto Teixeira de Freitas (3ª CRE), no Engenho Novo, realiza a Primavera Poética, que exalta a estação das flores por meio do gênero literário da poesia. Turmas da Educação Infantil ao 5º ano participaram do evento, que ocorreu no pátio da escola - toda enfeitada com trabalhos dos alunos - e foi aberto aos pais e à comunidade.

Neste ano, as turmas realizaram um sarau de poesias, apresentando obras autorais e de

Revistas

Uma revista pode ter vários objetivos. Pode ser de entretenimento ou de divulgação científica, por exemplo. Tudo depende de suas intenções e de seu público-alvo, porque, diferentemente do jornal, a maioria das revistas se destina a um grupo específico de pessoas. Por isso,

encontramos publicações sobre assuntos especializados, como, por exemplo, aprender a fazer crochê, passatempos para crianças, temas adolescentes, decorações para festas etc.

Um aspecto muito importante na concepção de uma revista é o seu o título. Observe que a maioria das revistas tem títulos de uma ou duas palavras. Um título curto não apenas resume o seu tema muito bem, como também torna mais fácil a construção do design e da identidade da publicação.

Com periodicidade semanal ou mensal e textos mais longos, as revistas – em suas versões impressas ou digitais – se diferenciam dos jornais por tentar oferecer textos e reportagens mais aprofundadas, com mais informações, análises e reflexões.

Por isso, como registro histórico, são mais eficientes do que os jornais. É possível compreender muito da história e da cultura de um país por meio de suas revistas. Ali estão os hábitos, as modas, os personagens de cada período, os assuntos que mobilizaram grupos de pessoas etc. Elas são excelentes fontes de pesquisas.

DICA DA RUIVA
Exemplos de publicações que foram importantes veículos de comunicação e que hoje não existem mais: *O Cruzeiro* e *Manchete*.

Apesar disso, os gêneros discursivos presentes nas revistas são, geralmente, os mesmos encontrados nos jornais: notícia, editorial, artigo, entrevista, reportagem, coluna, resenha, carta do leitor etc.

Os textos sob a forma de artigo, editorial, reportagem, resenha ou coluna expressam opiniões próprias de seus autores e/ou a descrição pessoal de fatos ou acontecimentos. Por isso, não possuem um modelo pré-determinado a ser seguido, dependendo da maneira particular com a qual cada autor escreve. Já as notícias são abordagens jornalísticas impessoais de fatos e que devem ser abertas por um *lead*, a exemplo do que acontece com o jornal.

As mídias digitais

Até o fim dos anos 1990, os principais veículos de circulação da informação eram o rádio, o jornal e a televisão. Desde então, a internet transformou a comunicação e provocou o surgimento de novos gêneros textuais.

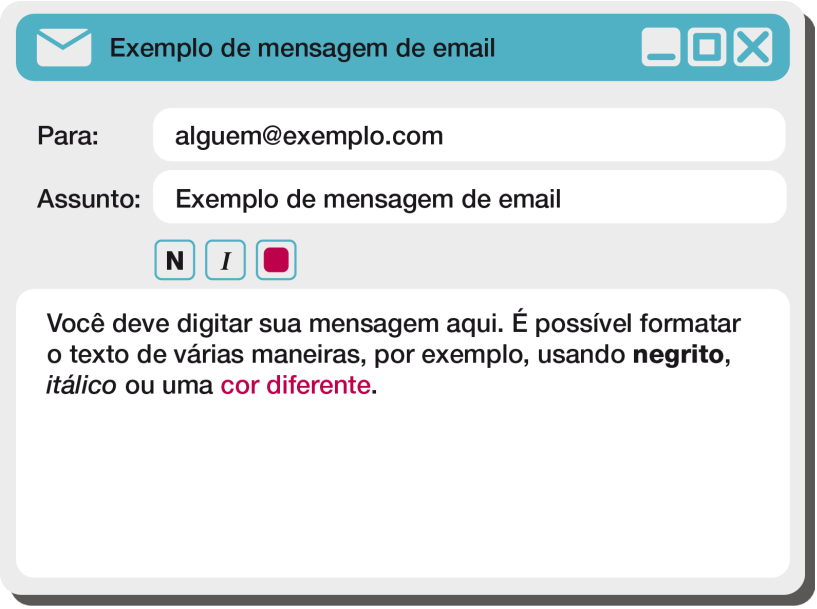
Aos poucos, estamos nos comunicando mais por meios digitais do que por telefone. A velha carta não está extinta, mas, provavelmente, adquiriu propósito mais comercial do que de afetividade, quando namorados trocavam correspondências de amor, expressando seus sentimentos.

É importante observar que a internet não é um ambiente digital homogêneo, já que nela encontramos diferentes gêneros digitais e diversos processos interativos. De acordo com alguns estudiosos, os gêneros digitais mais utilizados são o e-mail, o chat e o blog.

E-mail

O e-mail, inicialmente, tinha uma finalidade pessoal, como uma carta, mas se tornou um importante instrumento de contato nos

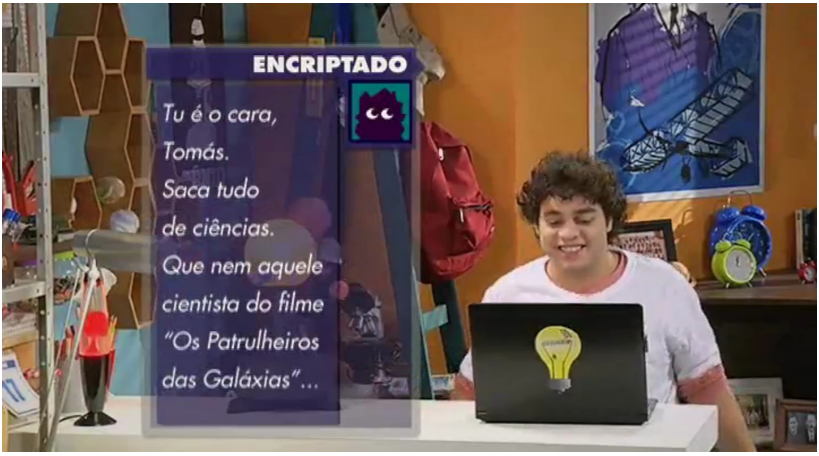
universos profissional e administrativo. O e-mail tem a seguinte estrutura:



O e-mail também tem um destinatário, representado por um endereço, como podemos ver na imagem acima (para: alguém@exemplo.com). O usuário escreve na parte superior o assunto da correspondência digital (Assunto: exemplo de mensagem de email) e abaixo há o espaço necessário para se digitar o texto. No corpo de e-mail, há "barras de ferramentas" que possibilitam mudar a formatação do texto. O destinatário e o assunto são elementos importantes, pois, a partir desses, o texto poderá ser mais formal ou informal.

Chats

A necessidade de maior interatividade levou ao surgimento dos chats. Eles se tornaram muito conhecidos nos sites de relacionamento. Provedores de internet disponibilizavam salas de bate-papo sobre diversos temas. O chat é uma conversação digital e pode ser privada ou aberta. Mais recentemente, redes sociais, como o Facebook, adotaram essa ferramenta, e aplicativos específicos para essa finalidade, como o Whatsapp, tornaram-se muito populares.



Tanto e-mails quanto chats são gêneros que possibilitam o uso de mídias. Ou seja, além da comunicação textual, é possível a

utilização de imagens, sons e vídeos, o que os torna gêneros híbridos, pois misturam as formas verbais e não verbais.

Blog

O blog também é considerado híbrido, aspecto que aumenta a interatividade entre os usuários. Esse gênero se tornou conhecido por ter características semelhantes ao diário pessoal ou à agenda. Foi muito utilizado pelo público jovem, que produzia diários pessoais digitais, nos quais escreviam sobre o seu cotidiano, entre outros temas. O blog é concebido como um espaço em que o autor pode expressar o que quiser, com a escolha de imagens e sons que compõem o texto. A ferramenta possibilita rápidas atualizações e manutenção dos escritos em rede, além da interatividade com o leitor.

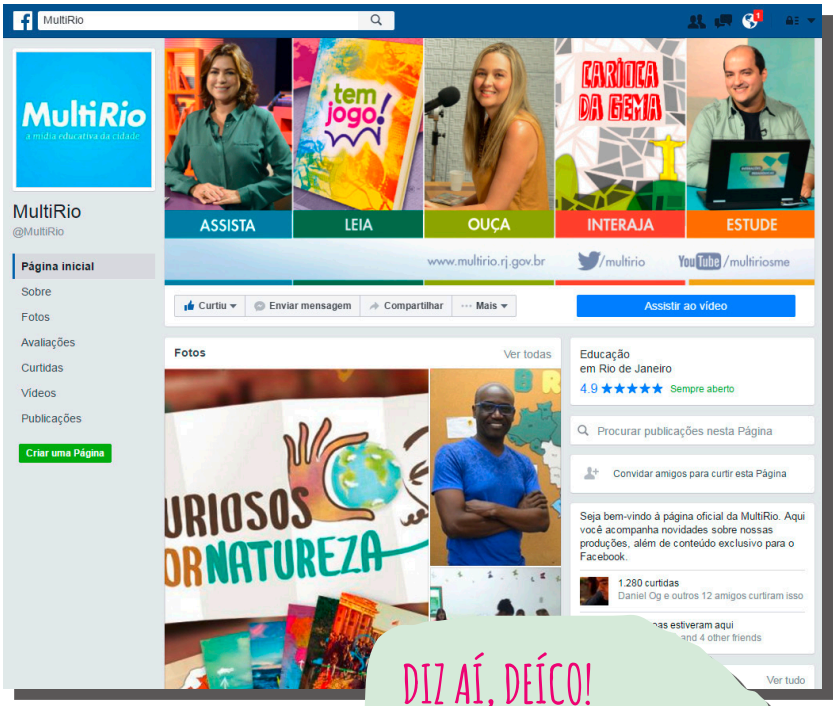
Em pouco tempo, o gênero adquiriu outros propósitos, sendo utilizado por empresas interessadas em se aproximar de seus clientes. O meio educacional também tem recorrido ao blog como um instrumento de aprendizagem.

Redes sociais

São sites de relacionamentos e comunidades que se organizam com propósitos específicos. Existem muitas, com diversos interesses, destacando-se as de entretenimento como as mais populares.

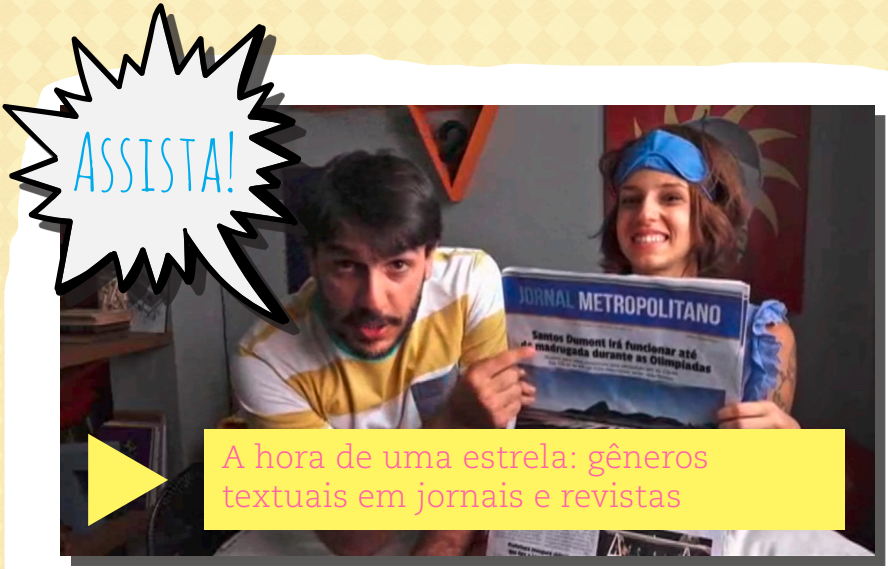
Atualmente, o Facebook é a rede social mais popular, em parte devido à sua capacidade de armazenamento de informações e de mídias. Com o tempo, adquiriu finalidades diversas. Pode ser tanto uma página pessoal quanto também uma página pública. Nessa última função, é um importante instrumento de divulgação de notícias. Quem faz parte do meio jornalístico está sempre "antenado" às informações que circulam nessa e em outras redes sociais e menos na mídia televisiva.

As redes sociais costumam conter os três gêneros digitais mencionados anteriormente: e-mail (ou mensagem privada), chat privado e blog – ou ao menos uma dinâmica muito parecida, com postagens e comentários.



DIZ AÍ, DEÍCO!

Cada vez mais expandimos nossas formas de comunicação. Você, um jovem do século XXI, deve ter em mente que as formas de interação são muito relevantes. Saber ler e escrever é cada vez mais importante e mais solicitado de cada cidadão.



Referências Bibliográficas

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*; v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DAVID, Barton; LEE, Carmem. *Linguagem Online: Textos e Práticas Digitais*. Tradução Milton Camargo Mota. – 1.ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MARCUSCHI & XAVIER, Antonio Carlos (org.) *Hipertexto e Gênero Digitais: Novas Formas de Construção de Sentido*. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SCALZO, Marilia. *Jornalismo de Revista*. Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

O livro terminou, mas você pode sempre rever a Ruiva e o Deíco na web.

Série Morde a Língua

Acompanhe também a Multirio no Facebook e no Twitter para saber das novidades que preparamos para vocês!

Diretoria do Núcleo de Publicações e Impressos
Regina Protasio

Assessoria de Integração
Morgana S. Rezende
Carmem Lúcia Guedes Gonçalves

Consultoria
Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu
Gina Paula Bernardino Capitão Mor
Sara Luisa Oliveira Loureiro

Assessoria Especial
Denise das Chagas Leite

Assessoria de Comunicação
Eliane Galeno

Gerência de Pesquisa e Documentação
Lucia Mendes

Redação e Edição
Ivan Kasahara

Revisão
Gustavo Rocha Fonseca

Assessoria de Artes Gráficas e Animação
Marcelo Salerno

Gerência de Artes Gráficas
Ana Cristina Lemos

Projeto Gráfico, Editoração e Ilustrações
Daniel Nogueira

MultiRio - Empresa Municipal de Multimeios Ltda.
Largo dos Leões, 15 • Humaitá • Rio de Janeiro/RJ
Brasil • CEP 22260-210
Central de Atendimento ao Cidadão: 1746
Fora do Rio: (21) 3460-1746 • Fax: (21) 2535-4424
www.multirio.rj.gov.br • ouvidoria.multirio@rio.rj.gov.br